WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
Kaká no
PODER
POR QUE A
SELEÇÃO DEVE
COPIAR O MILAN
E VIVER EM
FUNÇÃO DELE
RANKING
PLACAR
SEU CLUBE
SUBIU,
DESPENCOU
OU FICOU
NA MESMA?
+
ROMÁRIO,
ROBINHO,
RIJKAARD,
RENATO
GAÚCHO,
SÃO PAULO
X INTER...
ERA
UMA
VEZ
2006
COISAS PARA
LEMBRAR
E ESQUECER
NO ANO QUE
PASSOU
ED 1302 · JANEIRO 2007 · R$ 8,99
ISSN 01041762
Abril

preleção

Foram 12 revistas mensais, sete revistas-pôsteres, seis DVDs, seis guias, um livrão, além de 12 especiais variados. De tanto plantar árvores, esquecemos de perceber a floresta como um todo. Confesso que tomei um susto quando o diretor de arte Rodrigo Maroja colocou as 44 "coisas" que fizemos em 2006. Um trabalho considerável, quase um lançamento por semana. Mais impressionante por se tratar de uma equipe reduzida.

Apesar da trabalheira de 2006, nossa turma achou tempo para fazer mais. Arnaldo Ribeiro e Maurício Barros produziram Joana e Isabel, duas lindas meninas nascidas no segundo semestre. Calma, antes que você tire conclusões tolas, cada um teve sua filha com a própria mulher. O ano serviu para o intrépido repórter André Rizek fazer uma série de viagens de bicicleta pelo interior paulista. Em uma delas, se estuporou numa ribanceira e voltou em carne viva para a redação. Bem menos maluco, Rodrigo Maroja conseguiu mudar de casa, do jeitinho que queria: tudo nos mínimos detalhes. O repórter Paulo Tescarolo voltou a freqüentar uma academia. Está pensando até em consertar o ligamento cruzado do joelho arrebentado em um maldito amistoso do nosso time contra o da TV Globo. O designer Antonio Carlos Castro aproveitou 2006 para fazer shows com sua banda (parece que é de rock), correr em provas de rua e correr atrás de meninas. Apesar de ser a cara de Jesus, Toni nunca foi muito católico. Mesmo com todo o trampo, o editor de arte Rogério Andrade fotografou muito suas pequenas gêmeas Greta e Sofia, além da já mocinha Karol. Nosso homem do futebol internacional, Gian Oddi, passou suas férias na Itália e Portugal. E Silvana Ribeiro cuidou de todos nós, da revista, das instituições de caridade que ajuda — o que não é pouco. Que venha 2007.

sumário

★ Destaques

✚ Sempre em Placar

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Laurentino Gomes
Diretor de Núcleo: Alfredo Ogawa

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Redator-chefe: Arnaldo Ribeiro **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja **Editores:** Gian Oddi e Maurício Ribeiro de Barros **Editor de Arte:** Rogerio Andrade **Repórter Especial:** André Rizek **Repórter:** Paulo Tescarolo **Designer:** Antonio Carlos Castro **Revisão:** Renato Bacci **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Marco Aurélio **Colaboradores:** Alexandre Battibugli (editor de fotografia), Renato Pizzutto (fotógrafo) e Ramon E. Muniz (designer) **CTI:** Eduardo Blanco (chefe), Alexandre Ferreira, Fernando Batista, Julio Jonas, Leandro Alves, Luciano Neto e Marcelo Tavares

www.placar.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti
Serviços editoriais: Wagner Barreira
Depto. de Documentação e Abril Press: Grace de Souza

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5597 **PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Executivos de Negócios:** Eliani Prado, Letícia Di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Sueli Cozza, Virginia Any, Vlamir Aderaldo, Willian Hagopian **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor:** Paulo Renato Simões **PUBLICIDADE - NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Gerente de Vendas de Publicidade:** Ivanilda Gadioli **Gerente Executivo de Negócios:** Sandra Moskovich **Executivos de Negócios:** Bruno de Paula; Caio Souza; Márcia Marini e Tatiana Castro Pinho **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Fábio Luis **Gerente de Publicações:** Gabriela Nunes **Analista de Publicações:** Marina Pires **Assistentes:** Barbara Robles e Maira Prioli **Gerente de Eventos:** Fabiana Trevisan **Assistente:** Gabriela Freua **Gerente de Projetos Especiais:** Gabriela Yamaguchi **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Junior **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** Auro Iasi **Gerente:** Cheng Chuan **Analista:** Tales Bombicini **Processos:** Renato Rosante e Eduardo Andrade **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Publicidade São Paulo www.publiabril.com.br, **Classificados** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:** Central-SP tel. (11) 3037-6564 **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br **Belém** Midiasolution Belém, tel. (91) 3222-2303, email: simone@midiasolution.net **Belo Horizonte** tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 **Representante Triângulo Mineiro**: F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda Tel/Fax: (16) 3620-2702 Cel. (16) 8111-8159 **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, fax (47) 3329-6191 e-mail: marchimauro@uol.com.br **Brasília** Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels (61) 3426-7342/3223-0736/3225-2946/3223-7778, fax (61) 3321-1943, e-mail: starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda. tel. (67) 3382-2139 e-mail: melissa.tamaciro@josimarpromocoes.com.br **Cuiabá** Fênix Representações Comerciais, tels. (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda. tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: fgorgonio@interacaoabril.com.br **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: midiasolution@midiasolution.net **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tels.(62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br **Joinville** Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 3433-2725, e-mail: viamidiajoinvillle@viamidiapr.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: marlene@atituderep.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3327-2855; Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br; Multimeios Representações Comerciais, tel.(51) 3328-1271, e-mail: multimeiosrepco@uol.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel (16) 3911-3025, email gnottos@gnottosmidia.com.br **Rio de Janeiro** pabx: (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel.(71) 3341-4992/1765/9824/9827, fax: (71) 3341-4996, e-mail: abrilagm@uol.com.br **Vitória** ZMR - Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuelzambrano@intervip.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Negócios e Tecnologia:** Exame, Exame PME, Info, Info Canal, Info Corporate, Você S/A **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim, Revista A **Núcleo Comportamento:** Ana Maria, Claudia, Nova, Faça e Venda, Sou Mais Eu!, Viva Mais! **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Bizz, Capricho, Loveteen, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Cultura:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Bravo!, Guia do Estudante **Núcleo Homem:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia **Núcleo Celebridades:** Contigo!, Minha Novela, Tititi **Núcleo Motor Esportes:** Frota, Placar, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1302 (ISSN 0104-1762), ano 37, janeiro de 2007, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-704-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-701-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRçFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Presidente do Conselho de Administração e Presidente Executivo: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita

Vice-Presidentes: Deborah Wright, Douglas Duran, Eliane Lustosa, Marcio Ogliara
www.abril.com.br

Foram 44 títulos

“A matéria ‘Como criar um gato’ foi esclarecedora, mas há muitos esquemas de falsificação de idade a serem desvendados.”

Comprei o *Guia do Brasileiro* e percebi que, nas previsões para o desempenho de cada clube, vocês acertaram sete e erraram 13. Placar acertou: Atlético-PR, Botafogo, Juventude (Sul-americana); São Paulo e Inter (briga pelo título); Santa Cruz e Ponte Preta (rebaixamento). Placar errou no Corinthians (lutou por Sul-americana e não pelo título), Cruzeiro (Sul-americana e não pela Libertadores), Figueirense e Flamengo (Sul-americana e não rebaixamento), Fluminense (contra o rebaixamento e não pela Libertadores), Fortaleza (já rebaixado, obviamente não conseguiu vaga na Sul-americana), Goiás (lutou por vaga na Sul-americana e não na Libertadores), Grêmio (Libertadores, foi além da Sul-americana), Palmeiras (não brigou pela Libertadores), Paraná (talvez a maior barriga da revista, sempre é apontado como candidato ao rebaixamento e chegou à Libertadores), Santos (embora na Libertadores, passou longe do título), São Caetano (rebaixado, não na Sul-Americana) e Vasco (mesmo caso do Paraná, lutou por Libertadores e não para ser rebaixado). Apesar do saldo de seis negativo, a revista merece os parabéns: tomou uma postura, arriscou e não ficou em cima do muro, algo cada vez mais comum no jornalismo esportivo.

A Placar pisou na bola, quando da matéria personagem do mês, focalizando Romário. O texto assinado por Sérgio Xavier Filho, diretor de redação, principalmente. O título “Deixem o Baixinho em paz” é uma tentativa de alimentar nos leitores que o jogador continua sendo uma referência ou mesmo celebridade. Grave equívoco. O que falta a Romário é humildade e dignidade de aceitar que chegou a hora de encerrar sua carreira repleta de conflitos existenciais. Romário, vai pra casa, vai jogar futevolêi e depois cair na gandaia.

Anotei algumas curiosidades sobre o Brasileirão 2006.
1- O ótimo goleiro Jean, da Ponte Preta, conseguiu ser rebaixado com o Bugre e com a Macaca. Campinas o ama.
2- Fábio Baiano e Luiz Mario, ambos da Ponte, estão se tornando craques em rebaixamento. Em 2005, derrubaram o Galo.
3- O meu querido Cruzeiro se tornou em 2006 o único clube do mundo a levar gol de dois goleiros (Rogério e Chilavert).
5- O América-RN foi para um lado (2005 terceira divisão, 2006 segunda e 2007 primeira) e o Paysandu foi para o outro (2005 primeira, 2006 segunda e 2007 terceira).

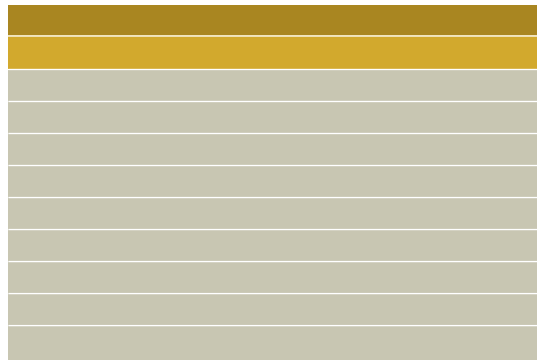
Como fã de Rogério Ceni, não poderia deixar de agradecer ao time da Placar pela excelente edição *O Melhor Goleiro do Mundo*. Mais um golaço da revista. Só está faltando o lançamento do DVD do goleiro-artilheiro, com todos os gols.

✖ Errata

★ Fale com a gente

>
>
>
>
>
>

Pura verdade. Talvez um sinal do lançamento precoce de craques no time profissional e de sua debandada precipitada para o exterior, o gremista Lucas foi o Bola de Ouro 2006 com 19 anos e 11 meses. Zico conquistou sua primeira Bola de Ouro em 1974. Estava com 21 anos. Falcão ganhou o primeiro Ouro em 1978 com 25 anos e Taffarel foi o melhor do Brasileiro de 1988 com 22 anos. Nos últimos tempos, os destaques das divisões de base passaram a integrar o time principal e os craques do campeonato passaram a ser jovens, muito jovens. Em 2002, o Ouro ficou com o garoto Kaká, então com 20 anos e 6 meses. Robinho, fenômeno do Santos, foi o principal jogador do Brasileiro de 2004 com apenas 20 anos e 10 meses. Lucas, portanto, mostrou que não é um caso isolado, mas uma tendência. Quanto aos mais velhos, ninguém bate Leovegildo Lins Gama Júnior. Aos 38 anos e 6 meses, Júnior saiu da lateral-esquerda do Flamengo para o meio-campo e comandou o time campeão brasileiro de 1992. Romário, em 2000, até tentou chegar perto. Ficou com a Bola de Ouro jogando pelo Vasco aos 34 anos e 11 meses.

Bem, Zeca, o mundo mudou e, pelo jeito, nossos traseiros devem ter aumentado bastante. Os estádios, no mundo inteiro e em especial no Brasil, encolheram. Em função de normas de segurança, as capacidades foram reduzidas e o Brasil, que sempre contou com públicos impressionantes, mal aparece no ranking geral. O caso mais notável é o do Maracanã, no Rio de Janeiro, que costumava ser chamado pelos locutores das antigas de "o maior do mundo". Pois o Maraca não honra o apelido: baixou de 160 000 para 96 000 lugares. A populosa Ásia tomou conta da lista dos dez primeiros. Vejamos então o ranking atual dos estádios:

Perdeu, Saul, pode pagar. Em 1991, Grêmio e Vitória foram rebaixados. No ano seguinte, o Grêmio não fez a sua parte e conseguiu apenas um nono lugar. Deveria disputar a série B em 1993, mas é bom ter amigos. Numa manobra de bastidores, as regras do jogo foram mudadas durante a própria partida e os gremistas tiveram a notícia dos sonhos: naquele ano, excepcionalmente, os 12 melhores da Segundona (o Grêmio entre eles) subiram para a primeira divisão.

BR
CARTÃO
PETROBRAS
É minha!

Gigante Gabiru

★ Personagem do mês Iarley

Por um dia, Quixeramobim foi a capital do mundo. Assim como o Jardim Irene, periferia de São Paulo, também teve seu momento de glória há quatro anos e meio por obra do brasileiro Cafu. Cidadezinha de 60 000 habitantes, Quixeramobim está no coração do Ceará, vive da agropecuária e teve sua bandeira desfraldada em rede mundial de televisão por um de seus filhos mais fiéis.

Pedro Iarley Lima Dantas não fez o gol do título colorado, mas foi o principal nome na vitória contra o grande Barcelona. Iarley comandou o Internacional e fez o mais difícil no gol de Adriano. Aos 36 minutos do segundo tempo, recebeu a bola no meio-campo, girou sobre a vaca-louca Puyol, avançou em direção ao gol e enfrentou o dilema de toda uma vida: para quem passar a bola? Pela direita, o garoto Luiz Adriano, 19 anos na cara e um histórico de gols perdidos no Internacional. Pela esquerda, Adriano Gabiru, talvez um dos seres humanos mais vaiados no futebol gaúcho no ano de 2006 — pelo que fez e, sobretudo, pelo que não fez.

Iarley talvez tenha pensado em não passar para ninguém, arriscar um drible e um chute. Optou pela diagonal, por Adriano Gabiru, o mais experiente dos dois. Passe perfeito, no tempo corretíssimo, assim como fez Tostão na Copa de 70 para o gol de Jairzinho, contra o Uruguai. Com a vitória parcial, Iarley usou a prerrogativa de capitão da equipe (Fernandão já havia sido substituído) para se considerar o dono da bola. Pisou na dita-cuja, prendeu, enrolou, gastou o tempo. O jogo acabou e o Internacional conseguiu seu primeiro título mundial em 97 anos de história — o segundo do atacante colorado, que já sentira o gostinho em 2003 pelo Boca Juniors.

Placar imaginava que o dono desta página, o personagem do mês, seria outro. Fernandão, Alexandre Pato ou, na pior das hipóteses, Ronaldinho Gaúcho. O roteiro parecia reservar protagonismo para um dos três na decisão do Mundial de Clubes da Fifa. Bem marcado pela defesa colorada, Ronaldinho ficou pelo meio do caminho. As dores e câibras derrubaram Fernandão e Pato. Sobrou para o homem de Quixeramobim. Logo ele, que passou metade do ano no banco de reservas, esperando as contusões ou suspensões de Fernandão e Rafael Sóbis.

Quando Sóbis foi vendido para o Betis, da Espanha, o presidente do Internacional, Fernando Carvalho, dizia: "O Iarley não é melhor que o Rafael, mas o time fica melhor com ele. O jogo da equipe flui mais". Conversa mole de quem tenta convencer os outros que vender o melhor jogador do time não era nenhuma tragédia. Pois o ataque do Inter reaprendeu a jogar sem Sóbis. Sem a mesma velocidade dos tempos que galopava pelas peladas do Ceará, Iarley se tornou mais cerebral. Prender a bola, dar o corpo para a falta, abrir espaço para Fernandão, novas funções do atacante de 32 anos. E assim Iarley foi crescendo, fazendo seus golzinhos e ganhando confiança para arriscar.

Em três oportunidades, a ousadia se tornou obra de arte. Os colorados não se esquecem do gol de calcanhar contra o São Caetano, da bomba no ângulo contra o Fluminense, da bicicleta contra o Vasco. Apesar dos golaços, da atuação decisiva contra o Barcelona e da bandeira de Quixeramobim agitada em Yokohama, Pedro Iarley Lima Dantas ainda carece de reconhecimento. Na eleição feita pela cidade para escolher o "Quixeramobinense do Milênio", Iarley não apareceu entre os 25 mais votados. Ainda é tempo de corrigir essa injustiça, povo de Quixeramobim.

Na edição passada, Placar trouxe a notícia de que a Federação Paulista havia expulsado nove jogadores das categorias de base do Corinthians com idade adulterada. Todos eles chegaram ao clube pelas mãos de um mesmo empresário: Marabá. Ele ganhou esse apelido porque veio da cidade do mesmo nome, no interior do Pará, onde trabalha garimpando talentos da região. Marabá tem relações também com o Vitória, o Santos e o Internacional. O clube de Porto Alegre informou que deixou de trabalhar com ele por "má reputação". Marabá também presta serviços para empresários de médio porte no futebol brasileiro, indicando jogadores.

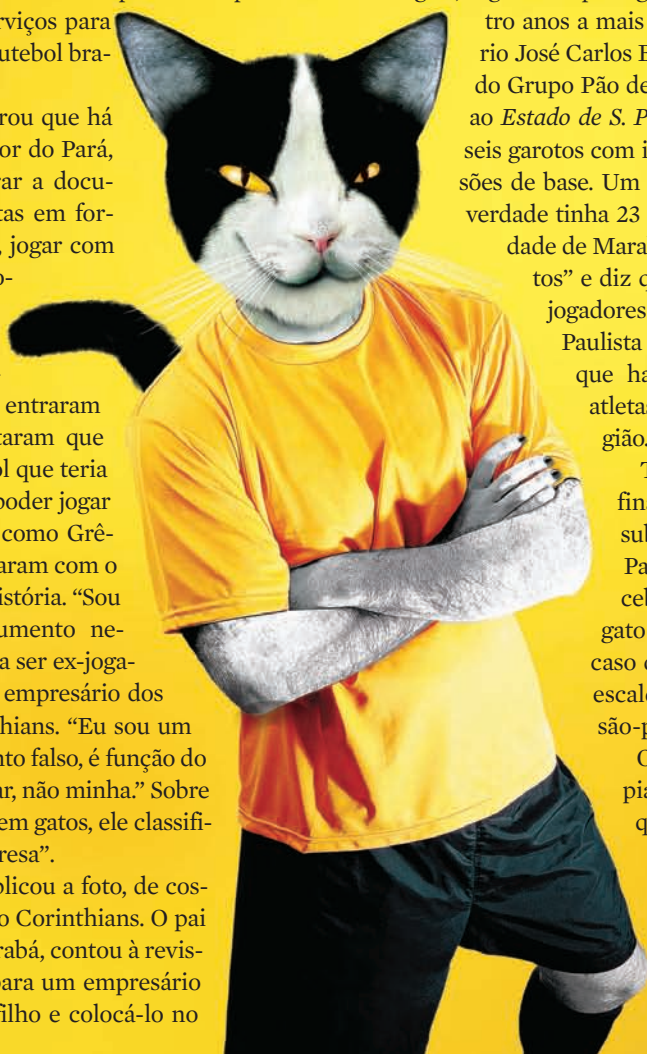
A reportagem de Placar mostrou que há uma indústria de gatos no interior do Pará, lugar onde não é difícil adulterar a documentação e "rejuvenescer" atletas em formação — nas categorias de base, jogar com garotos um ou dois anos mais jovens significa, invariavelmente, se destacar.

Desde a revelação do esquema, pessoas que vivem na região entraram em contato com a Placar. Contaram que Marabá foi um jogador de futebol que teria adulterado a própria idade para poder jogar nas divisões de base, em clubes como Grêmio e Santos. Fontes que trabalharam com o empresário contaram a mesma história. "Sou inocente, nunca adulterei documento nenhum", diz Marabá, que confirma ser ex-jogador. Ele também admite que é o empresário dos nove garotos expulsos do Corinthians. "Eu sou um olheiro. Se o garoto tem documento falso, é função do clube que aceita o moleque checar, não minha." Sobre o fato de seus nove jogadores serem gatos, ele classifica como "coincidência, uma surpresa".

Na edição passada, Placar publicou a foto, de costas, de um destes ex-jogadores do Corinthians. O pai do garoto, um serralheiro de Marabá, contou à revista que teve de pagar 450 reais para um empresário ajeitar a documentação de seu filho e colocá-lo no Corinthians. Ao colocar o garoto de costas, Placar tinha como objetivo preservá-lo. Marabá disse que localizou o menor e constrangeu a família dele pelo depoimento dado à Placar. "Eu cobrei uma explicação e eles negaram tudo o que está escrito na revista, viu?", disse. Placar conversou apenas por telefone com Marabá. Sugeriu ao empresário que concedesse uma entrevista e contasse sua versão. Por meio de seu advogado, Marabá negou a entrevista.

A reportagem de Placar veio em um momento em que pipocam notícias sobre os gatos. No intervalo de um mês, soube-se pela *Folha de S.Paulo* que Carlos Alberto, do Figueirense, era gato. Karioka, do Santos, artilheiro do Paulista sub-15 com 27 gols, segundo reportagem do diário *Lance*, teria quatro anos a mais do que declarava. O empresário José Carlos Brunoro, que administra o time do Grupo Pão de Açúcar, contou em entrevista ao *Estado de S. Paulo* que, em três anos, pegou seis garotos com idade adulterada nas suas divisões de base. Um deles declarava ter 16, mas na verdade tinha 23 anos. Brunoro classificou a cidade de Marabá como uma "indústria de gatos" e diz que sempre toma cuidado com jogadores vindos de lá — a Federação Paulista de Futebol (FPF) determinou que haja investigação em todos os atletas com documentos dessa região.

Também houve problemas na final do campeonato paulista sub-15, entre Corinthians e São Paulo, em novembro. A FPF recebeu denúncia de que havia um gato em cada equipe. Depois do caso dos nove gatos, o Corinthians, escaldado, expulsou o garoto. O são-paulino está sob investigação.

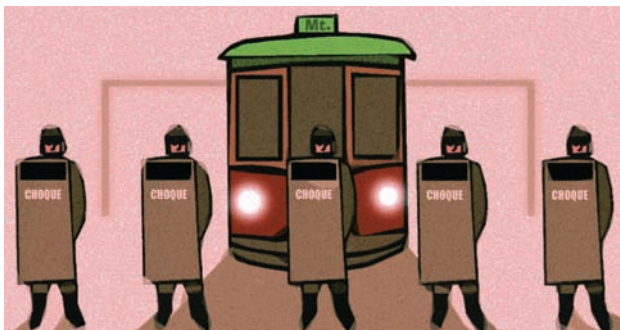
Os brasileiros sempre fizeram piadas com as seleções africanas que arrebentavam nos Mundiais das categorias de base. "Imagine os cartórios da África", era o comentário mais comum. Agora, que tal olhar para o nosso próprio umbigo?

Para o narrador Silvio Mendes, da Rádio Sociedade da Bahia, o ponto alto de seus 30 anos de carreira não foi a cobertura de nenhuma das cinco Copas em que trabalhou, mas uma partida válida pelo Brasileiro da série B, na Fonte Nova. Na ocasião, ele teve o privilégio de narrar, pela primeira vez, um gol de seu próprio filho, o atacante Silvio Mendes Jr., o único do Náutico na derrota por 3 x 1 para o Bahia.

Naquele jogo, o atacante, conhecido pelo sobrenome Mendes, já não era mais nenhum garoto. Tinha 28 anos, o que não impediu o pai de berrar os bordões "papai gostou" e "me arrepia, garoto". "O prazer de narrar a performance do próprio filho, só eu e o Galvão Bueno é que temos", diz Silvio Mendes, referindo-se ao pai do piloto de Stock Car Cacá Bueno. Silvio é também procurador do jogador.

Até outubro, quando foi afastado do Vitória por causa de uma gastroenterite, Mendes tinha marcado 18 gols em 28 partidas. Em sua opinião, o mais emocionante deles foi o segundo do triunfo por 3 x 1 sobre o Santa Cruz, pela Copa do Brasil. "Comemorei arrancando o microfone de um repórter da Sociedade e dizendo 'eu te amo, pai'. O velho perdeu até a voz", diz.

★ Dicionário da bola

Placar traduz os novos e velhos vocábulos do futebol

VENENO!

Já conversei com ele. Mas ele não demonstra nenhum tipo de emoção. A cara dele não muda, e ele não fala. O São Paulo já fez de tudo, o elenco pediu, a torcida fez a sua parte

Seus olhos são lindos e transmitem uma energia incrível. O rótulo de sex symbol é mais que merecido

Abril no Pan

Lucas Trecarichi tem 15 anos e promete ser o astro da seleção argentina no Pan de 2007, caso se confirme a sub-17 como categoria a disputar o futebol nos jogos. Ele é um dos garotos com quem o Brasil terá de se preocupar se enfrentar os *hermanos* durante o Pan. Sua trajetória tem sido comparada à do atacante Lionel Messi, que aos 13 anos assinou contrato com o Barcelona. Trecarichi não foi direto para um clube espanhol de primeiro nível, mas desde os 14 anos está no Leganés, da segunda divisão espanhola. O time aposta tanto no garoto que colocou uma cláusula de rescisão de 3 milhões de euros em seu longo contrato, de oito anos.

Volante ofensivo e inteligente, Trecarichi foi criado no River Plate, onde ficou dos 5 aos 14 anos, mas torce pelo Boca. E não desgarra de suas raízes. Tanto que recusou o convite para jogar na seleção mirim da Espanha. Escolha certa, já que logo depois se tornou nome constante na lista sub-17 da Argentina e presença quase certa no Pan-americano.

"Quase" porque a briga entre Conmebol e Concacaf sobre que categoria representará o futebol nos Jogos continua e pode ter um desfecho surpreendente, como confirmar a sub-20 mesmo ela disputando um Mundial no período. "Se decidirem participar com a sub-20, irá uma seleção alternativa, já que, além do Mundial, estará em jogo um torneio local argentino. Seria uma equipe muito desfalcada. Mas, se decidirem pela sub-17, irão os melhores", diz o jornalista argentino Elias Perugino, da revista *El Gráfico*.

O homem mais irado da cidade

É a história de sucesso mais rápida do futebol brasileiro. Fundado em 1989, o Grêmio Barueri teve seis acessos seguidos nos últimos seis anos. Em 2007, vai disputar a primeira divisão do Paulista e a série B do Brasileiro. Mas parece que, pela primeira vez, terá de caminhar com as próprias pernas.

Até hoje, o Barueri foi bancado pela prefeitura da cidade. Seu presidente, Walter Sanches, é também o secretário de Esportes do município. Como o dinheiro é público, quem fiscaliza os gastos é a Secretaria de Finanças. O atual prefeito, Rubens Furlam, do PMDB, é nome do partido para as próximas eleições ao governo estadual. Sua popularidade na cidade, é claro, está em alta.

Mas em 2007 a prefeitura promete sair do futebol profissional para cuidar das divisões de base e de outras oito modalidades. Como o clube vai ganhar 3 milhões de reais de patrocínio (serão seis anunciantes na camisa) e cotas de TV, a idéia é caminhar sozinho. O teto salarial do elenco, de 3 000 reais, sobe para 6 000 reais em 2007 — o Barueri tentou contratar o veterano Viola, que respondeu que por esse valor nem sai de sua casa.

Para se ter idéia do contraste, o Corinthians pretende gastar 4 milhões de reais, por mês, só com salários. "Em todas as divisões diziam que pagávamos salários baixos demais, que iríamos cair... E o time sempre foi indo para o topo", diz Tom Moisés, diretor de marketing do Barueri. O CT, com dois campos, ainda é da prefeitura, que está gastando 70 milhões de reais para terminar a primeira etapa do estádio municipal, para 20 000 lugares. O projeto, visando a Copa de 2014, prevê 40 000 lugares cobertos — mas seriam necessários mais 45 milhões de reais. Isso, é claro, se o novo prefeito (há eleições em 2008) continuar investindo.

★ Lendas da bola

O inacreditável, o impressionante, o sobrenatural. Histórias que os gramados não contam

LIMPANDO O SALÃO

Como toda criança pobre, Wancley Paranhos via no futebol sua única chance de prosperar na vida.

GERVAZIO VEREADOR

Sem oportunidade nem estudo, o rapaz galgou seu caminho rumo ao profissionalismo.

Só tinha um pequeno problema: Wancley era ruim de bola!

Mas, com um bom empresário, conseguiu ser contratado por um grande clube em crise.

O golpe durou pouco, e a ruindade dele foi escancarada a toda a nação.

O PRIMEIRO TEMPO FOI BOM, MAS ESSE WANCLEY NÃO JOGOU NADA!

Wancley logo caiu nas graças da torcida...

O SOLE MIO: É O PIOR CENTRO-AVANTE DO BRASIL!!!

Mas, durante uma coletiva, descobriu-se seu verdadeiro talento: o da oratória!

QUAL A PARCELA REAL DE RESPONSABILIDADE DE UM ENTRE ONZE HOMENS QUE REMAM O MESMO BARCO?

Não que ele conseguisse explicar sua ruindade. Mas havia algo na sua forma anasalada de falar que deixava a platéia em transe.

ÓÓÓÓÓÓÓ...

Ele falava por horas com desenvoltura e convicção, sem dizer absolutamente nada!

DÁ PARA SER MELHOR? CLARO QUE DÁ! MAS É NECESSÁRIO ESTABELECER METAS CLARAS E ATINGÍVEIS...

Foi quando seu perspicaz empresário decidiu dar uma guinada na carreira do atleta.

Ele deu adeus ao futebol sem maiores explicações, causando espanto nas pessoas. Um golpe de marketing estrategicamente calculado.

Hoje, Wancley Paranhos é um milionário palestrante motivacional, lotando auditórios pelo país afora.

PRODUTIVIDADE MOTIVACIONAL Dr. Wancley Paranhos

DINHEIRO É BOM MAS NÃO É TUDO...

CLAP! CLAP! CLAP!

CLAP! CLAP! CLAP!

TRAJANO

MORTOS-VIVOS

Quem precisa de charme quando tem uma bomba na perna esquerda? Purczeld Ferenc nasceu em Budapeste no dia 2 de abril de 1927. Cresceu gordinho, baixinho e cheio de brilhantina. Seu pai mudou o nome da família para Puskas. Aos 16 anos, vestia a camisa do Kispesti, ali mesmo na capital húngara, em plena Segunda Guerra Mundial.

Era o garoto certo no momento certo. Aos 18 anos, já fazia parte da seleção húngara. Essa seleção ficaria 32 partidas invicta. Em 1948, era o artilheiro da liga húngara, com 50 gols. Em 1949, o regime comunista transformou o Kispest em um time militar chamado Honved e todo jogador virou soldado. Puskas passou a ser conhecido como o "major galopante".

Em 1952, estava na linha de frente da seleção campeã olímpica. Cinco jogos, cinco vitórias, 20 gols a favor, um contra. Na Copa de 1954, estava na seleção que foi eleita a melhor do planeta. Começou ganhando por 9 x 0 da Coréia do Sul e 8 x 3 da Alemanha Ocidental. Machucou o tornozelo, não jogou nos 4 x 2 contra o Brasil mas voltou a tempo de jogar a final contra a Alemanha e marcar dois gols em 6 minutos. Não adiantou. Os alemães viraram para 3 x 2 e ganharam a Copa sem merecer. Sua marca de goleador é impressionante: 83 gols em 84 partidas.

Em 1956, o sonho seria interrompido por um desfile de tanques soviéticos por Budapeste. A URSS acabou com o Honved e com a seleção húngara. Em excursão com o resto do time, Puskas decidiu não voltar mais. A ditadura passou a difamá-lo, chamando-o de "desertor, gordo, contrabandista".

Foi o tempo do exílio de nove anos no Real Madrid, para ele, Di Stefano, Kopa e Gento. Que sorte dos madrilenhos... Na era Puskas, eles ganharam nove títulos nacionais e internacionais. E o "major galopante" de Budapeste foi artilheiro do Campeonato Espanhol por quatro vezes (1960, 1961, 1963 e 1964). Naturalizou-se espanhol e jogou dois anos pela "Fúria". Ganhou mais um apelido: El Cañoncito Pum, além de Pancho Puskas.

Em 1967, depois de marcar 776 gols em 1 300 partidas, desistiu de jogar. Virou treinador. Treinou 14 times em quatro continentes, como o canadense Vancouver Royals, o chileno Colo-Colo, a seleção saudita, o egípcio Al-Masry e o australiano South Melbourne Hellas. O ápice foi ajudar o Panathinaikos a ganhar a Copa dos Campeões da Europa. Retornou à Hungria, onde orientou a seleção nacional em 1993. Três anos depois, o Nepstadium de Budapeste teve seu nome mudado para Stadion Puskas Ferenc.

Em 2000, Puskas descobriu que tinha o mal de Alzheimer. O governo húngaro o nomeou "Herói Esportivo da Nação", com uma pensão de 2 000 euros mensais. Uma de suas maiores riquezas — a lembrança de ter sido um dos maiores jogadores que o mundo conheceu — estava condenada a se dilapidar nos seus neurônios até o fim. No dia 17 de novembro de 2006, depois de dois meses no hospital, uma pneumonia apagou de vez o Esquerda de Ouro.

Em 1950, o Brasil só sediou a Copa "porque não tinha outro". Os anos de 1942 e 1946 "falharam" devido à Segunda Guerra e o Mundial mais fácil de ganhar caiu em nosso colo de pára-quedas. Foi preciso caçar seleção participante a laço e o Brasil conseguiu perder a final jogando pelo empate. Nossa organização foi tão boa quanto a dos Jogos Abertos do Interior. Tudo na base do "vamu-que-vamu", tão condizente à época romântica pré-marketing esportivo. Pois é, 56 anos depois, estamos aí na praça pleiteando de novo o direito de receber e organizar uma Copa do Mundo, agora um megaevento, hiperprofissional.

"Sim, vamos perder como já perdemos todas as vezes em que tentamos trazer tanto Copa quanto Olimpíada pra cá. E torço para a gente perder sempre, pelo menos até 2080"

Joseph Blatter veio ao Brasil em outubro passado, travestido de cabo eleitoral, horas antes de nossa eleição presidencial. E partiu mais rápido ainda sabendo que nós mal temos condições de sediar os Pan-Americanos, esses jogos que representam a oitava divisão das Olimpíadas. Mas serviu para dar algumas fotos para o Lula, então numa semana nervosa com um então Alckmin ameaçador. Mas e daí? Daí que vamos tentar sediar a Copa de 2014 e... perder de novo!

Sim, vamos perder como já perdemos todas as vezes em que tentamos trazer tanto Copa quanto Olimpíada pra cá. E torço para a gente perder sempre, pelo menos até 2080. E torço contra pelo medo de passar vergonha e porque não temos condições mesmo. Só que me irrito quando "aproveitadores de notório saber", mesmo que em periféricos espaços, justificam a não viabilidade de uma Copa aqui "porque primeiro temos que construir hospitais, escolas, universidades, aeroportos e viabilizar água encanada, esgotos, saúde, segurança e educação para nossa população". Ora, é o óbvio ululante! Só que, desde 1950, NUNCA organizamos nada e portanto jamais "jogamos dinheiro público fora" com o futebol. Sem falar que o país continua sem hospitais, escolas, aeroportos, universidades, segurança, saúde, educação etc.

Ou seja, usam o raciocínio de que dinheiro público é para o povo, para o social, e não para o esporte. Mesmo sem os tais eventos impossíveis de serem conseguidos, a população pobre e mais ou menos pobre continua sem os tais justos benefícios e servindo só para votar emocionada e encantada com 50 "mirréis" por mês de bolsa-não-sei-o-quê. Pombas, que se entre num acordo e que não sediemos nem campeonato mundial de corrida de esquilo, mas que benefícios sociais finalmente sejam implantados. Senão, daqui a 800 anos, não vamos ter ou não teremos tido nem evento esportivo internacional de porte e muito menos melhorias sociais para a população.

Até lá, que pelo menos a possibilidade da realização ou não de Copas e Olimpíadas deixe de ser desculpa esfarrapada para político fajuto deixar de construir o que devia e deve para o povo. E que sirva também para que pára-quedista-abutre de mãos, boca e dedos sujos pare com tradicionais demagogias comparativas — o mesmo tipo de gente que plantou criminosamente que a Nike mandou a CBF entregar o jogo final da Copa de 98 para a França em troca do direito do Brasil de sediar a Copa de... 2006!!! Quem não se lembra disso? E será que Berlim, Hamburgo, Dortmund, Munique e Frankfurt são cidades... brasileiras? ✪

o mundo é uma bola

CRAQUES E BAGRES QUE FAZEM O FUTEBOL NO PLANETA

O fiasco no último Mundial pôs fim à carreira de alguns dos nossos mais célebres jogadores na seleção brasileira. Roberto Carlos e Cafu deixaram a equipe devido à idade. Ronaldo luta contra problemas físicos para tentar convencer o técnico Dunga de que ainda merece vestir a amarelinha. Perder estrelas, contudo, não é um fenômeno nacional. Após o Mundial de 2006, várias seleções viram seus astros dizendo adeus. A maior parte da debandada, claro, deve-se à idade dos jogadores. Mas há também lesões, brigas e até pedidos de férias entre os fatores responsáveis pelo processo de renovação de algumas seleções. Confira os principais casos.

Zinedine Zidane
34 anos

Oliver Kahn
37 anos

Brian McBride
34 anos

Cláudio Reyna
33 anos

Ruud van Nistelrooy
30 anos

Mark van Bommel
29 anos

A virulência dos *barrabravas* colocou o futebol argentino à beira de sua maior crise nos últimos 30 anos. Nascidos num país onde a exclusão social virou rotina, amparados por cartolas complacentes e jogadores temerosos, eles cobraram poder até virarem protagonistas. O que começou como torcida pitoresca, levando cores às arquibancadas, virou instrumento de pressão e extorsão, flertando com a delinqüência. Os dirigentes os utilizaram para ganhar votos e terminaram reféns desse Frankenstein que eles mesmo criaram. Em troca de favores eleitorais, fizeram concessões: ingressos, viagens com o time e liberdade para circular nos clubes.

A imprensa argentina revelou que os *barras* revendiam ingressos e comercializavam entorpecentes. Também se descobriram conexões com o poder político e sindical, que os utilizou como mão-de-obra barata para manter um rebanho sob controle. Porque, além da gênese de violência, não se pode discutir a liderança carismática dessas torcidas. Os jogadores também caíram nas redes: por temor, deram-lhes camisetas e fizeram coletas para financiar suas viagens. Mas a complacência voltou feito um bumerangue, como aconteceu com os jogadores do Gimnasia, instruídos a perder um jogo contra o Boca para não facilitar o então provável título do arqui-rival Estudiantes.

Aproxima-se um amplo debate na Argentina. Diz-se que, enfim, serão adotadas medidas reguladoras e disciplinares para combater o flagelo. A Justiça acaba de condenar seis torcedores do Boca por incidentes de 1999; eles ficarão presos por não menos de três anos. Alguns analistas atribuem ao fato um valor simbólico para iniciar a batalha final contra a violência. Em outros domina o ceticismo: para eles, os *barrabravas* já teceram tantas alianças com o poder que poucos se animarão a enfrentá-los. O raciocínio é que, perdidos por perdidos, os *barrabravas* podem falar o que "não deveriam". E todos terminariam salpicados pelo escândalo.

Por um ano e meio, Kia Joorabchian cortejou o West Ham, prometeu um casamento feliz e ofereceu dois presentes caros, importados da Argentina. Mas faltou uma proposta oficial. E foi um empresário islandês, que fez fortuna vendendo biscoitos, quem conquistou o clube londrino em sete semanas de papo. Eggert Magnusson tem um currículo mais expressivo no futebol do que o iraniano da MSI. Foi presidente do Valur Reykjavik, clube que não voltou a levantar o título nacional desde a sua saída, em 1989, quando Magnusson assumiu o comando da Associação Islandesa de Futebol. Ele segue no cargo, mas sai em fevereiro para se dedicar ao West Ham. Desde 2002, é um dos 14 membros do Comitê Executivo da Uefa, onde se destacou pelo apoio ao futebol feminino. Pouco antes de entrar na Uefa, vendeu sua participação na fábrica de biscoitos Fron. Magnusson é milionário, mas não podia comprar um clube da primeira divisão inglesa. Para fazer frente a Kia e seus parceiros, o consórcio islandês bancou mais de 350 milhões de reais por 83% das ações do West Ham. E aí foi preciso da ajuda de um empresário de nome e histórico complicados: Bjorgolfur Gudmundsson, presidente do banco Landsbanki e investidor das áreas farmacêutica e de telecomunicações. Em 1991, ele foi condenado à prisão por envolver-se no colapso de uma empresa da indústria naval, mas a sentença acabou suspensa. Além disso, pairam suspeitas sobre negócios da época em que era dono de uma fábrica de cervejas na Rússia. O dinheiro de Gudmundsson e a boa reputação de Magnusson garantiram a compra do West Ham, mas resta saber se o clube devolverá os presentes de quem cortejou e não levou. O novo dono diz que, por ele, Tevez e Mascherano ficam. Mas garantiu que o técnico Alan Pardew seria mantido... e o demitiu. A resposta final virá só na janela de transferências de janeiro.

★ Vai pagar quanto?

CONFRONTOS E COTAÇÕES
Chelsea-ING (0,17) x Porto-POR (4)
Milan-ITA (0,20) x Celtic-ESC (3,33)
Arsenal-ING (0,29) x PSV-HOL (2,5)
Manchester-ING (0,20) x Lille-FRA (3,33)
Lyon-FRA (0,44) x Roma-ITA (1,62)
Liverpool-ING (2,5) x Barcelona-ESP (0,29)
Bayern Mun.-ALE (0,83) x Real Madrid-ESP (0,83)
Valencia-ESP (1,25) x Internazionale-ITA (0,62)

O Herdeiro

O craque mais cobiçado da Europa planejou sua caminhada com detalhes e jamais deu um passo em falso. É pela capacidade de liderança e vontade de ser protagonista que **Kaká** virou o nome certo para reinventar a função de capitão da seleção brasileira

POR **FERNANDA C. MASSAROTTO** E **GIAN ODDI***

DESIGN RODRIGO MAROJA

*COLABORARAM ANDRÉ RIZEK E FLÁVIA RIBEIRO

aká, recém-chegado ao Milan, é vítima de uma brincadeira dos colegas. Depois de um treino, encontra as roupas surradas com as quais chegara ao centro de treinamento de Milanello penduradas e espalhadas pelo vestiário. O mês era setembro de 2003. E a brincadeira era um aviso bem-humorado ao novato: em Milão, vestir-se bem é importante, mesmo que para trilhar o rotineiro trajeto de casa até o CT.

Setembro de 2006. Kaká é o jogador do Milan responsável por receber os novatos. É ele, em geral, quem apresenta a cidade e enturma os recém-chegados. Há três anos, ele era recebido por Shevchenko e Costacurta da mesma forma que recebeu o jovem francês Gourcuff ou o italiano Bonera na última pré-temporada. “É impossível criticar o Kaká, seu egoísmo é zero. Ele é um ídolo no Milan e recebe todos que chegam lá, como eu, muito bem”, confirma o atacante Amoroso, que teve uma breve passagem pela equipe no ano passado.

O que em princípio parece só conseqüência da boa adaptação de Kaká a Milão é, na verdade, bem mais. O brasileiro virou um líder do Milan. Segundo o próprio dono do clube, Silvio Berlusconi, tornou-se o “símbolo” de um dos cinco times mais importantes do planeta. E o fato de Kaká receber os colegas é prova disso: no Milan, é normal que os jogadores mais importantes recebam os novatos. O raciocínio é: boas-vindas de uma estrela refletem um grupo livre de panelas e regalias.

“Hoje tenho consciência de ser importante nesse time. Um time que tem Maldini e Costacurta como bandeiras que estão se aposentando. Um time que teve Sheva, que era o herdeiro de Maldini. Dessa safra, sei que eu e o Gattuso somos os jogadores que têm um vínculo mais estreito com a torcida e o clube”, diz Kaká à Placar, durante uma entrevista em Milanello.

A citação de Shevchenko não é em vão. Além de ter sido um de seus melhores amigos no Milan, o ucraniano era aquilo em que Kaká se transformou: o astro do time dentro de campo e, por conseqüência, um líder fora dele. Tanto que o vice-presidente do clube, Adriano Galliani, disse que “Kaká está no caminho para virar o capitão do Milan”. Na Itália, não é pouco: Del Piero é o capitão da Juventus, Totti o da Roma...

Ser capitão significa saber se impor. Coisa que Kaká tem feito também com as palavras. Na última temporada, ele aprendeu a usá-las com a mesma precisão e objetividade de suas arrancadas em direção ao gol. Um exemplo: em setembro de 2006, após um empate com o Lille pela Liga dos Campeões, Kaká criticou o esquema do time. “Não gosto de jogar com um só atacante”, disse. A declaração foi muito explorada pela imprensa e, pouco depois, o brasileiro voltaria a ser questionado sobre o assunto. Reafirmou o que havia dito. “Ele não culpou a imprensa, disse que era exatamente aquilo que pensava e acrescentou: ‘Digo o que penso pois respeito muito meu treinador e sei que ele também me respeita’”, afirma a jornalista Alessandra Bocci, que cobre o dia-a-dia do Milan há mais de dez anos e o da seleção brasileira há dois, pelo jornal *La Gazzetta dello Sport*. “As atitudes do Kaká foram mudando. Ele cresceu, ficou maduro. Hoje é um modelo de jogador que conquista a todos. E, no Milan, jovens como Gourcuff têm em Kaká uma referência”, diz Alessandra.

A característica de dizer o que pensa sem criar entreveros, aliás, já havia sido notada pelo volante Emerson durante a convivência com Kaká na Copa do Mundo da Alemanha: “A postura dele é diferente da de alguns jogadores que fazem críticas diretas ou que preferem não se posicionar. Ele é muito ponderado. Dava suas opiniões, mas sem criar polêmica.”

ASSÉDIO ESPANHOL

Críticos de Kaká podem dizer que o meia tornou-se o principal astro e líder do Milan justamente quando o time atravessa um de seus piores momentos nos últimos anos. Pode até ser verdade, mas a análise é superficial. Tanto que hoje, na Itália, ninguém sequer cogita questioná-lo. “É preciso reconhecer que é ele quem carrega a equipe”, diz Alessandra Bocci.

Não fosse assim, o Real Madrid não estaria disposto a desembolsar 60 milhões de euros (cerca de 171 milhões de reais) pelo brasileiro, como noticiou o jornal espanhol *AS*. E, mais do que isso, o Milan não anunciaria a intenção de recusar essa proposta que faria de Kaká a segunda contratação mais cara da história do futebol — atrás apenas de Zinedine Zidane, por quem a Juventus recebeu 78 milhões de euros em 2001.

Depois de saber do interesse do Real, o proprietário do Milan, Silvio Berlusconi, disse o seguinte no jantar de fim de ano do clube: “Em toda minha vida, nunca desiludi quem confiou

O ANO-A-ANO DE KAKÁ

A ascensão do craque em apenas seis anos de carreira profissional

No São Paulo, no jogo em que Cacá virou Kaká e herói

Na Copa do Mundo de 2002: o novato só jogou contra a Costa Rica

Com o amigo Sheva no Milan: agora ele reina sozinho

2001 (SÃO PAULO)

Reserva dos juniores, recupera-se de um acidente que quase o deixou paraplégico. Vadão às vezes o chama para ficar no banco dos profissionais. Na final do Rio-São Paulo, entra, faz dois golaços e vira xodó da torcida. O Cacá vira Kaká. Alterna momentos bons e discretos, mas é fundamental no Brasileiro. Sua última imagem é o choro na maca, enquanto deixa o campo após falta de Cocito na eliminação contra o Atlético-PR.

2002 (SÃO PAULO)

Gasta a bola e é chamado por Felipão para jogar a Copa. Inexperiente, atua poucos minutos, mas volta ao Brasil campeão e com experiência internacional. No São Paulo, vira o principal jogador do Brasileirão: recebe a Bola de Ouro da Placar. Mas decepciona na partida em que o time é eliminado pelo Santos, o que começaria a lhe criar problemas com a torcida.

2003 (SÃO PAULO E MILAN)

Inicia o ano com a pecha de "amarelão". O time perde o Paulistão, no qual ele, machucado, não joga a final contra o Corinthians. Na eliminação contra o Goiás pela Copa do Brasil, a torcida o culpa. Ainda joga no Brasileiro, mas o convite do Milan cai do céu. Chega à Itália sem fama, mas arrebenta de cara. Deixa Rui Costa no banco e faz com que o clube libere Rivaldo.

2004 (MILAN)

Consagra-se. Jornais o comparam a craques como Falcão e Van Basten. Termina a temporada com 30 jogos no Campeonato Italiano (nada mau para quem seria somente um reserva) e faz dez gols. O Milan é campeão e Kaká é eleito pela revista *Guerin Sportivo* o melhor jogador do torneio. Entra no grupo dos três jogadores que mais vendem camisas no clube.

2005 (MILAN)

A surpresa passa, a badalação diminui. Mas Kaká já é fundamental e, na temporada 2004-05, joga 35 vezes pelo Italiano (só menos do que Dida) e marca sete gols. Na Liga dos Campeões, joga sempre, mas o Milan é eliminado pelo La Coruña. "Eu já não era uma surpresa. Adversários e torcida já me conheciam. Mas amadureci e estou encontrando meu jogo em um esquema diferente, mais tático", disse Kaká à Placar naquele ano.

2006 (MILAN)

Kaká chega à Copa da Alemanha como o jogador menos badalado do "quarteto mágico" brasileiro, mas nos últimos amistosos e na estréia vira protagonista. Depois, porém, afunda com a equipe. No segundo semestre, rapidamente recupera a confiança de Dunga, que chega a dar a ele a tarja de capitão. No Milan, vira "o símbolo" da equipe, segundo o próprio dono do clube, Silvio Berlusconi. É assediado como nunca pelo Real Madrid.

“Para que um jogador se concentre durante um treino, não pode ter um público de 30 000 pessoas. Para a próxima Copa, podemos levar isso de lição”

em mim. E posso garantir: jamais venderemos o Kaká. Quando o contratei não achei que ele viraria um símbolo do Milan”. Quando lhe disseram que ele havia prometido o mesmo sobre Shevchenko, a resposta estava pronta. “Com Shevchenko não ficamos tentados pelo que nos ofereceram. Tivemos que acatar a vontade do Sheva, que acatou a vontade de sua mulher. Com o Kaká não há nenhuma tentação: eu durmo tranqüilo, acordo e nem penso no Ricky porque meu coração está seguro de que ele continuará no Milan”, disse.

Berlusconi tem motivos para acreditar nisso. Primeiro: Kaká renovou seu contrato com o clube até 2011 — seu salário passou a ser o maior da equipe, 5,2 milhões de euros por temporada. Depois: o meia gosta mesmo do Milan e de Milão. Terceiro: as recentes declarações de Kaká dão idéia do quanto o assunto Real, pelo menos por ora, o incomoda: “Chega! Não sei mais como dizer que não quero mais falar de mercado. Acabei de renovar meu contrato e o respeito”.

Qualquer que seja o desfecho do episódio, será um marco na relação entre Kaká e o Milan. Porque, segundo os jornais europeus, o Real estaria oferecendo cerca de 10 milhões de euros por temporada ao jogador, uma fortuna. O Milan não vai bem e tem chances de nem jogar a próxima Liga dos Campeões. O Real está longe de ser um lugar onde Kaká iria se esconder. Madri não é das cidades mais desagradáveis...

Na primeira entrevista que concedeu à Placar há três anos, pouco depois de chegar a Milão, Kaká disse que gostaria de se tornar no Milan aquilo que Totti é para a Roma. Talvez para não ser deselegante com um colega de clube, não disse que gostaria de virar “o novo Maldini”. Mas certamente gostaria. E talvez agora, diante do assédio do Real Madrid, esteja diante de seu teste de fogo. “Para Kaká se tornar um verdadeiro líder do Milan, temos que esperar. Para ser considerado um futuro Maldini, terá que mostrar fidelidade ao clube. Não acredito nessa coisa de jogador beijar camisa e dizer que nunca irá sair. Vivemos num mundo onde gira muito dinheiro. É esperar para ver: se Kaká ficar no Milan, poderá assumir o lugar de Maldini e entrar para a galeria do clube”, diz o jornalista Furio Federe, do *Corriere dello Sport*.

A hipótese de Kaká se equiparar a Paolo Maldini é considerada até por ex-colegas de Milan, como Amoroso: “O custo-benefício do Kaká para o Milan é impressionante. Ele pode ser um novo Maldini e encerrar a carreira lá. Tem tudo para isso: cabeça, futebol e é adorado em Milão. Além disso, o Milan nunca vai precisar vendê-lo para fazer caixa, né?”

O CAPÍTULO SELEÇÃO

Para os torcedores brasileiros, Kaká trocar ou não o Milan pelo Real Madrid pouco importa. O fato é que dois dos mais importantes clubes do planeta travam, ainda que veladamente, uma batalha por ele. Um deles, o Milan, já vê no jogador um de seus principais símbolos e líderes. O outro, o Real Madrid, procura um galáctico-competitivo, que não lhe traga benefícios apenas com o repasse do quinhão da publicidade que, por contrato, pertencerá ao clube.

A questão é: a seleção brasileira tem sabido tirar proveito de todas as qualidades que Kaká demonstrou ter em pouco mais de três anos na Europa? Não se trata de discutir seu uso taticamente, como se faz com Ronaldinho, até porque futebol Kaká sempre mostrou também na seleção. Mas, com a saída de Cafu e Roberto Carlos, além do possível afastamento definitivo de Ronaldo, não terá chegado a hora de dar a Kaká o rótulo de novo líder da seleção brasileira? Pelo que Dunga (e o próprio Kaká) mostrou nos últimos amistosos, sim.

Após o fiasco na Copa, a seleção jogou seis amistosos, o primeiro deles sem as estrelas. Nos cinco seguintes, Dunga iniciou sua política de deixar jogadores renomados no banco, para mostrar que a seleção é um grupo onde ninguém tem vaga certa. Pois bem: o primeiro galáctico a ir para a reserva foi justamente Kaká, num clássico contra a Argentina. Como já havia feito com Carlo Ancelotti no Milan, o meia deu seu recado a Dunga, mas sem criar polêmica: “Não vejo problema nisso, desde que esse critério seja usado para todos”. No segundo tempo da vitória por 3 x 0 contra os argentinos, Kaká entrou e desequilibrou, jogando muito e fazendo um golaço.

Ele seria titular na vitória por 2 x 0 sobre o País de Gales, quando Ronaldinho Gaúcho não foi convocado. Na goleada por 4 x 0 sobre o Al-Kuwait, começou de novo no banco, mas entrou no lugar de Ronaldinho para fazer um dos gols. Nos

“Kaká é a nova bandeira do Milan”, diz o técnico Carlo Ancelotti

Maldini sobre Kaká: “Ele tem tudo para ser o novo capitão da equipe”

O QUE NOS DISSERAM SOBRE KAKÁ

“Kaká é a nova bandeira do Milan. E, quando dizem que ele irá embora, eu digo que ele fica, porque é muito importante para a equipe. É um jogador talentoso, uma pessoa de caráter e um grande profissional. Por isso ganhou o respeito de todos. Kaká cresceu muito nessas três temporadas no Milan e, com a saída de Shevchenko, virou a referência do time. É um dos jogadores mais fortes do mundo. Quanto a vê-lo como capitão, temos que esperar porque ainda contamos com Maldini. Mas tenho certeza de que ele tem capacidade e carisma para assumir a função”
Carlo Ancelotti, técnico do Milan

“Kaká conquistou a confiança de todos no Milan e por isso mesmo se tornou um dos protagonistas da equipe. Eu o considero muito, seja como jogador, seja como pessoa. É um dos melhores do mundo. Seu crescimento no Milan é notável a cada temporada, e ele é o primeiro a lutar por esse crescimento. O Milan tem que tentar mantê-lo a todo custo. Eu sempre digo que aqui o líder é o grupo, mais do que um jogador em particular. Mas Kaká tem todas as qualidades para se tornar o novo capitão do time”
Paolo Maldini, capitão do Milan

“Com vontade, profissionalismo e uma fantástica atuação em campo, Kaká conquistou os torcedores do Milan. Hoje, Maldini é o nosso capitão, e sobre o futuro de Kaká com a faixa... veremos! Seu profissionalismo não se discute”
Alessandro Costacurta, zagueiro do Milan

“Kaká é um grande jogador e um profissional de primeira linha. É um jogador muito importante, que renovou seu contrato conosco até 2011 e não está à venda”
Adriano Galliani, vice-presidente do Milan

“O Kaká já merecia estar disputando o prêmio de melhor do mundo e a Bola de Ouro há muito tempo. Tem força física, explosão, habilidade e muita consciência tática. Todo técnico quer um cara como ele. Talvez por não fazer firula — e digo firula entre aspas, no sentido de fazer as coisas que o Ronaldinho faz — Kaká esteja fora da briga. Mas é melhor ele não fazer gracinha mesmo, esse é o estilo dele”
Amoroso, ex-colega de Milan

“Quando Kaká chegou à seleção, se não me engano, eu era o capitão. Ele fez sucesso muito rápido no São Paulo, mas chegou à seleção bem tranqüilo, observando tudo à sua volta. Com o passar do tempo, foi se soltando e passou a ser importante no grupo. Nunca o vi tendo problemas com outros jogadores ou criando polêmicas. Até pela sua educação e pela religiosidade, ele tem uma postura apaziguadora e bem tranqüila”
Emerson, volante da seleção brasileira

“Não vejo problema em ficar no banco *[da seleção]*, desde que esse critério seja usado para todos”

dois últimos amistosos, enfim, vieram os sinais da confiança de Dunga: nas duas vitórias por 2 x 1 sobre Equador e Suíça, Kaká foi titular enquanto Ronaldinho, mostrando que Dunga usava o mesmo critério “para todos”, como pedira o milanista, ficou no banco — ao contrário de Kaká, o Gaúcho não quis falar quando indagado sobre a reserva. Tanto contra equatorianos como contra suíços, Kaká marcou seu gol. E, mais que isso, foi capitão do time nas duas partidas (na primeira, depois da saída de Lúcio; na segunda, o jogo todo). A experiência de usar a faixa de capitão da seleção, na verdade, não foi uma novidade para ele: na equipe pré-olímpica de Ricardo Gomes, em 2003, Kaká já havia sido escolhido como líder.

Fora de campo, em treinos e entrevistas, Kaká continua fazendo o mesmo que faz em campo: dando mostras de que não quer apenas jogar, mas ser protagonista. Como, aliás, garante ter feito durante a Copa do Mundo: “Eu me preparei. Fiz o possível para que desse certo, pois sei que só o talento não basta. Ficou um amargo por não ter levado para casa a taça de campeão. Muitas outras coisas não deram certo...”

Questionado sobre o que não deu certo, mas já pensando no futuro, Kaká não se omitiu. “Para que um jogador se concentre durante um treinamento não pode ter um público de 30 000 pessoas. Não estou dizendo que o treino deveria ser fechado à torcida, mas com disciplina. Treino aberto a cada 15 dias ou uma vez por semana. Durante o treino, às vezes, fazemos brincadeiras engraçadas para nós e que o torcedor não gosta. E eles começam a vaiar. Aí, no treino seguinte o jogador fica constrangido e acaba não rendendo. Não sei qual será a programação para a próxima Copa, mas podemos levar isso de lição. Em 2002, com o Felipão, os treinos eram fechados, tinha imprensa e não tinha esse tanto de gente!”

Após a Copa, é fácil criticar a preparação da seleção. Mas a verdade é que, mesmo durante o Mundial, Kaká foi um dos poucos atletas que tiveram personalidade para questionar com naturalidade certas coisas que estavam acontecendo. Como o fez a respeito do estado físico de Ronaldo, “o presidente”, como era chamado por Ronaldinho Gaúcho. Logo após a estréia contra a Croácia, Kaká disse que o centroavante precisava se movimentar mais para que o time melhorasse. Falava na condição de quem havia feito o gol da vitória e estava voando nos treinos. As estocadas em Ronaldo continuaram, na medida em que defendia Ronaldinho Gaúcho. “No Barcelona é diferente, porque lá ele tem dois atacantes, o Giuly e o Eto’o, que chegam em todas as bolas que o Ronaldinho lança. Na seleção, nossa dupla de ataque não se movimenta tanto”, falava, referindo-se às “torres gêmeas” Ronaldo e Adriano.

Ainda sobre o Mundial, vale lembrar que Parreira fez três reuniões com os jogadores para falar sobre tática e discutir como a seleção deveria jogar. Nelas, Kaká foi um dos mais participativos, segundo o próprio Parreira — que preferiu não falar sobre o jogador para esta matéria. Kaká exercia sua liderança com naturalidade, sem tentar se impor forçadamente e sem despertar ciúmes dos colegas. “A postura de líder que ele tem é diferente da minha, por exemplo. Eu sou mais de falar antes e depois dos jogos, cobrar em campo. Já o Kaká tem uma liderança natural, que vem da personalidade dele: as pessoas vêem que ele é esclarecido, que teve boa educação. Então, quando ele opina, todos param para escutá-lo”, diz o volante Emerson, colega de Kaká na seleção desde 2002.

Apesar da liderança “natural”, o meia do Milan cresceu na seleção como fez no Milan. “Me lembro de quando ele voltou dos amistosos no Kuwait e contra o Equador e me disse: ‘Quando eu ia para a seleção, no início, eu ficava de boca aberta diante de tantos grandes jogadores. Hoje, principalmente na equipe de Dunga, vejo jogadores mais novos e já me sinto um veterano’”, diz a jornalista Alessandra Bocci.

Mas quem pensa que Kaká não gosta de se sentir veterano se engana. Basta ver o que ocorre no Milan: diante da má fase do time, perguntamos a ele se não era uma missão ingrata ser o responsável por levar nas costas uma equipe desse porte. A resposta? “Para dizer a verdade, eu gosto. Acho importante ter responsabilidades na vida da gente. E, a partir do momento que essa responsabilidade aumenta, significa que você está crescendo. Eu tenho consciência da minha importância, mas não assumo o papel de salvador da pátria. Porque sei da minha responsabilidade, mas trabalho com um grupo e cada membro desse grupo também tem que ter em mente sua responsabilidade”. Indiscutivelmente, palavras de um líder. ✪

Garoto-propaganda da Armani: “Nosso contato já vem do Brasil”

FALA, KAKÁ!

Prêmios, a vida na Europa (e de casado), Giorgio Armani... Nem só sobre Milan e seleção foi nosso papo com o meia

Você não dá elásticos, não faz malabarismos... Para ser eleito o melhor jogador do mundo não é necessária alguma fantasia?
Acho que não. Há muitos jogadores econômicos que já ganharam a Bola de Ouro, como Zidane e Rivaldo. Não acho essa fantasia fundamental.

E até que ponto é importante ser eleito o melhor do mundo?
Importante é. É muito legal ser cotado e desde que eu estou no Milan estou entre os dez melhores. Mas esse não é meu principal objetivo: ganhar seria muito legal, mas seria uma conseqüência do meu trabalho.

O fato de o Milan contratar brasileiros com um perfil diferente da maioria, como você, se deve às indicações do Leonardo?
Não totalmente. É claro que as sugestões do Léo contam. A minha chegada teve grande participação dele. Mas vale lembrar que depois que o Léo assumiu essa função só dois brasileiros foram contratados: eu e o Ricardo Oliveira. Antes, vieram Rivaldo, Serginho, Cafu e Dida.

Você é consultado sobre as contratações de brasileiros que o Milan faz?
Agora que tenho um vínculo maior com o clube, sim. Ainda mais quando é brasileiro: me perguntam se conheço, se já joguei com ou contra.

Quando aceitou a proposta do Milan, o dinheiro foi o grande atrativo? Ou a possibilidade de morar na Europa o atraía ainda mais?
Sempre tive a idéia de morar e jogar na Europa. Mesmo que tivesse de vir a um time pequeno e depois passar para um grande. Mas o maior objetivo sempre foi aprender e crescer como profissional e como pessoa. E, quando vim para cá, vim para aprender italiano, conhecer a cultura. Melhorar.

Ao contrário da maioria dos jogadores, você optou por viver no centro de Milão e não no condomínio em San Siro. Por quê?
Morar no condomínio quando cheguei foi importante para ir conhecendo a cidade. Mas depois que casei achei que eu e a Caroline deveríamos morar em um lugar mais central. Podemos sair a pé, sair para jantar. É mais movimentado. A região de San Siro é mais familiar.

O que mais mudou na sua rotina após o casamento? Planejam filhos?
Curtimos muito a vida de casado. Passeamos, jantamos fora e viajamos. A Caroline faz curso de Fashion Business. E os filhos... em breve!

Você foi promovido também como modelo da Armani, né? Explique essa história. Você fala com o Giorgio Armani pessoalmente?
O Armani virou um amigo. Antes eu tinha uma relação formal e me dizia... “Esse é o Giorgio Armani!” Hoje não. Mas a história vem do Brasil: eu já tinha contrato. Quando vim à Itália, meu contrato no Brasil acabou e fizemos um por aqui. O primeiro contrato foi com a Armani Jeans. Acabou e agora renovei com a Emporio Armani. Viu? Fui promovido! Tô subindo...

Você está lendo algum livro? E música? Escuta italiana ou brasileira?
Além da *Bíblia*, estou lendo um livro muito interessante que se chama *Campo de Batalha da Mente*, de Joyce Meyer. Ouço basicamente música gospel. As pessoas pensam que é aquela clássica música de igreja, mas não é. Hoje a música gospel abrange todos os ritmos. Aqui na Itália, gosto do Eros Ramazzotti e da Laura Pausini, que aliás é milanista e sempre que encontra comigo tenta falar em português.

Com a mulher, Caroline: opção, rara, por morar no centro de Milão

SHOW DO MILHAR

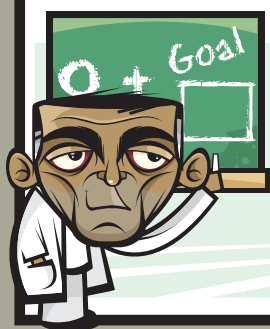
As peripécias de **Romário** em busca dos 1 000 gols

Ele, de novo. Aos 40 anos, Romário consegue ser notícia no Brasil mesmo estando do outro lado do mundo. Seus quatro jogos pelo Adelaide United, da Austrália — e o golzinho chorado no último deles — passaram ao vivo no canal Sportv. E quem já não deu seu palpite sobre sua obsessão antes de se aposentar — chegar aos 1 000 gols, segundo suas contas? Ele se despediu da terra dos cangurus no dia 15 de dezembro, mas vamos continuar querendo saber seus próximos passos. Conheça algumas passagens do Baixinho nesse périplo em busca do milhar.

VÁ TE QATAR

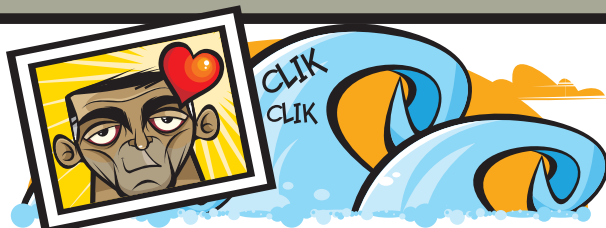
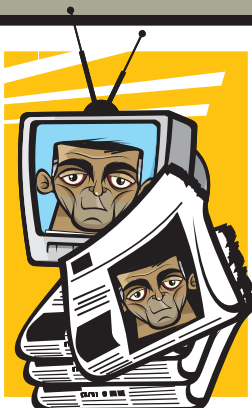
Em 2003, Romário assinou contrato de três meses com o Al-Saad, do Qatar. Por 90 dias de "trabalho", 1,5 milhão de euros (algo em torno de 4,5 milhões de reais). No clube, bateu de frente com o treinador. Participou de apenas três partidas, não marcou gols e foi barrado. Não jogou mais e ficou em Doha (capital do Qatar) para cumprir o contrato. "Doha é uma cidade linda. Vivo em um condomínio muito confortável. Jogo futebol para me divertir, futevôlei e também tênis. Fiz até um passeio de camelo. Como não estou jogando, aproveito para descansar muito. Estou de férias e ganhando dinheiro. Do que posso reclamar?", disse.

DORMINDO NO AEROPORTO

Não é fácil jogar por uma equipe da liga secundária do futebol dos Estados Unidos, a UFL. Acostumado a se hospedar em hotéis cinco-estrelas, Romário viveu uma dura experiência quando atuou pelo Miami, para onde foi em abril. Após uma partida contra o Vancouver, no Canadá (derrota de 4 x 1), a delegação não conseguiu a conexão desejada. Queria voltar para casa por Dallas e teve que ir a Nova York. Como o vôo só sairia na manhã seguinte, o grupo procurou algum lugar para passar a noite. Não havia vagas. Sem opções, a ordem foi voltar ao Aeroporto JFK. E todos dormiram no carpete. Até o Baixinho, que, juram, não se incomodou. "Ninguém pregou o olho, mas o Romário estava no maior bom humor", diz o técnico Chiquinho de Assis.

ROMÁRIO, THE TEACHER

Durante sua permanência no Miami FC, Romário teve que, por razões contratuais, dar clínicas de futebol para jovens em Miami. Moleza para o Baixinho, que fez sucesso na Flórida, divertiu-se a valer, foi à praia, jogou futevôlei, ganhou dinheiro e ainda balançou as redes... Com 19 gols em 25 partidas, foi o artilheiro da UFL.

TUPI OR NOT TUPI

Em outubro, Romário acertou com o Tupi. O objetivo era que o Baixinho participasse da Taça Minas Gerais. Uma empresa local ajudaria com o salário. O Baixinho chegou a treinar, mas a CBF não permitiu sua inscrição. O prazo para jogadores contratados do exterior se encerrara no dia 31 de agosto. Não deu certo, mas o Tupi se deu bem: jornais do mundo inteiro falaram da nova aventura do artilheiro.

GATA, RATO, BALEIA E BATATA

Romário levou para Adelaide a esposa Isabela, o personal trainer Marcelo Coutinho e os amigos Rato, Baleia e Batata. "A rede *(de futevôlei)* já está completa", brincou. Em um passeio na praia, o grupo foi clicado por alguns fotógrafos. Como era véspera de jogo e Romário tinha escapado do treino após uma sessão leve de alongamentos, os jornais estamparam fotos do futevôlei e do namoro na praia criticando o Baixinho. "Cadê você, Romário sem-gols?", perguntava um tablóide.

JOGA BOLA, CANGURU!

Na sua estréia pelo Adelaide United, da Austrália, Romário percebeu que teria vida dura em campo. O time perdeu por 2 x 0 para o Central Coast Mariners. Cansado de esperar em vão por uma bola em condições de marcar, ele foi flagrado com a boca no trombone: "PQP! Burro pra cacete!" Sorte que seu companheiro de equipe não entendeu. Até sorriu...

ALGO EM COMUM

Os australianos do Adelaide United enviaram Mel Patzwald a Miami para conversar com Romário. Os dois descobriram algo em comum: Mel tem um filho com síndrome de Down, assim como Romário, que teve Ivy em março de 2005. Segundo Mel, o entendimento com Romário ficou mais fácil após a revelação: "Depois que começamos a falar sobre família, ele se sentiu confortável". "A Mel estava em Miami para ver alguns jogos e começamos a conversar. Tudo aconteceu bem, então eu decidi topar", afirma Romário.

JUSTIFICANDO O INVESTIMENTO

O Baixinho foi inscrito como "jogador-convidado" no Campeonato Australiano. Por quatro partidas, ganhou 250 000 dólares. John Kosmina, técnico do time, estava exultante no início. "Vamos ajudar Romário a chegar aos 1 000 gols." Só que o Baixinho só foi jogar alguma coisa na última partida, quando fez um gol. Após o terceiro jogo (empate de 1 x 1 contra o New Zealand Knights), Kosmina substituiu Romário. O artilheiro foi embora antes de a partida terminar. Programas esportivos passaram a debater a validade da contratação. A diretoria do Adelaide, criticada porque estaria só pensando no marketing, reagiu. Imagens de Romário treinando com os colegas foram publicadas no site oficial do clube. "Ele fez um grande trabalho, me fez pensar de forma diferente como abordar algumas situações de jogo e fez os outros jogadores pensarem o jogo de forma diferente", disse Kosmina.

CARRÃO À DISPOSIÇÃO

Assim que chegou a Adelaide, Romário foi cercado de mordomias pelos australianos. Casa, claro, na praia. E, para rodar pela cidade, nas quatro árduas semanas que lá ficou, recebeu um carro BMW de luxo da empresa Adelaide Prestige, cujo proprietário é o ex-jogador local Tom Forde. "Tá maneiro", agradeceu Romário. ✪

QUEM FOI O CRAQUE DO ANO ?

Os cartolas **Fernando Carvalho**, do Internacional, e **Juvenal Juvêncio**, do São Paulo, conduziram seus clubes com mão de ferro e fizeram (acreditem!) mais do que Fernandão e Rogério Ceni

Quem deu as cartas no futebol brasileiro em 2006 foram o Internacional e o São Paulo, certo? Mas o craque da temporada não veste a camisa vermelha ou a camisa tricolor. Aliás, não veste uniforme nem calça chuteira. Não é Fernandão nem Rogério Ceni. Os cartolas Fernando Carvalho e Juvenal Juvêncio foram os protagonistas do ano. Exagero? Só para quem não os conhece nem trafega pelos bastidores dos dois principais clubes do futebol brasileiro no ano passado. Além de comandarem com mão de ferro os destinos dos clubes, montam pessoalmente os elencos, buscam entender a "alma" de seus atletas e palpitam muito na escalação das equipes — embora ambos neguem peremptoriamente quando os gravadores e microfones estão ligados...

Juvenal Juvêncio, fazendeiro criador de cavalos manga-larga, fumador de cachimbo, velho e astuto negociante, é o arquiteto do time do São Paulo que ganhou Estadual, Brasileiro, Libertadores e Mundial nos últimos dois anos. Vários técnicos passaram pelo clube e deixaram suas marcas nos últimos quatro anos. Cuca, Leão, Paulo Autuori e Muricy, todos eles, deram boas contribuições para o São Paulo ter se tornado uma potência futebolística. Mas, por trás deles, sempre esteve o atual presidente, que antes foi vice de futebol e, antes ainda, eminência parda.

Juvenal prendeu e mandou soltar no Morumbi. Contratou e dispensou. Fabão, Danilo, Josué, Mineiro, Amoroso, Ricardo Oliveira? Homens dele. "Você precisa entender o mundo do jogador, falar a língua dele", afirma Juvenal, que costuma presentear seus atletas mais queridos com cavalos de sua criação. A filosofia de manter comissão técnica, médicos, fisiologistas, observadores, independentemente do técnico que chegue? Coisa dele.

Fernando Carvalho, que transpira futebol 24 horas por dia, é parecido. Pegou um Internacional que patinava na contabilidade e na classificação dos campeonatos e entregou a presidência em dezembro de 2006 com superávit, casa arrumada, estádio reformado e taças na sala de troféus. Quer dizer, entregou nada! Sem o cargo de presidente (o estatuto do clube o impede de ser reeleito), Carvalho terá tempo para fazer o que mais gosta, que é observar jogadores, contratar e dar seus pitacos no futebol — com essa "obra", ele colocou o Inter como um dos mais sérios competidores do São Paulo, que antes via apenas Santos e Cruzeiro como rivais no assédio aos principais jogadores do país.

Abel Braga conhece a fera e parece não se incomodar com a interferência que é feita com elegância e sabedoria. Quem não gosta de um palpite quando ele funciona? Por exemplo: depois da perda do Gauchão para o rival Grêmio em pleno Beira-Rio, Carvalho chamou Abelão para uma conversa e, em outras palavras, pediu (ou exigiu) que ele voltasse a escalar o "time do Muricy", com os jogadores que foram vice-campeões brasileiros em 2005, na seqüência da Copa Libertadores. Deu certo...

Fernando Carvalho e Juvenal Juvêncio têm isso em comum: eles entendem de futebol como poucos. E "poucos", nesse caso não são apenas dirigentes. Técnicos, auxiliares, olheiros também estão incluídos. "Os dois são os melhores do Brasil, mas são diferentes. Juvenal confia muito nas poucas pessoas que o cercam, e Fernando faz tudo pessoalmente. Ele é o olho clínico do Inter", afirma Marcel Figer, um dos empresários mais influentes do futebol brasileiro.

Os presidentes do Internacional e do São Paulo dividiram os troféus, as glórias, os jogadores... Qual deles é o melhor? Pergunta complicada que Placar tenta responder mostrando ao lado as principais "bolas divididas" entre os dois e determinando quem levou cada uma delas.

AS BOLAS DIVIDIDAS

Fernando Carvalho e Juvenal Juvêncio duelaram em diversas oportunidades desde o início da temporada. O saldo é equilibrado e o pega promete ser ainda maior em 2007. Confira quem levou a melhor até agora:

MURICY

VENCEDOR: SÃO PAULO

ELDER GRANJA

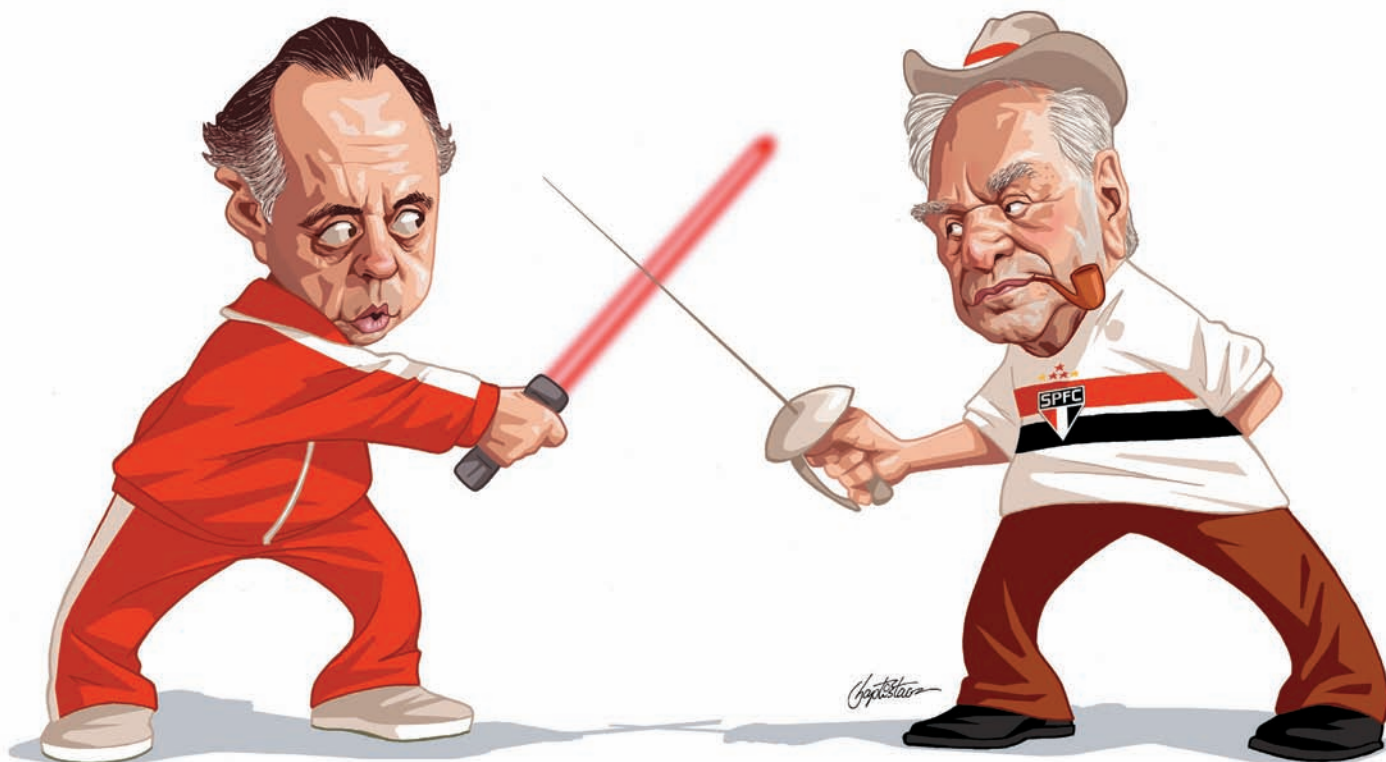
VENCEDOR: INTER

RICARDO OLIVEIRA

VENCEDOR: INTER

MINEIRO

VENCEDOR: SÃO PAULO

RESULTADO FINAL: EMPATE INTER 3 X 3 SÃO PAULO

RANKING PLACAR

CINTURÃO MANTIDO

Em 2006, o Internacional foi quem mais pontuou, o Paraná quem mais subiu, e o Flamengo até chegou a liderar por alguns meses. Mas a conquista do Brasileirão bastou para manter o São Paulo na ponta do Ranking Placar

Quando o árbitro Carlos Eugênio Símon apitou o fim da partida Vasco 0 x 1 Flamengo, na decisão da Copa do Brasil de 2006, dia 26 de julho, no Maracanã, o rubro-negro carioca voltava provisoriamente à liderança do Ranking Placar. Liderança que havia perdido para o São Paulo meses antes, por conta da conquista do Mundial de Clubes de 2005 pelo tricolor paulista.

O retorno carioca ao topo, contudo, durou pouco. Menos de quatro meses mais tarde, no dia 19 de novembro, Muricy Ramalho e seus comandados vibravam no Morumbi com a conquista do tetracampeonato brasileiro. Com mais esses 15 pontos no ranking, o tricolor passou a somar 342 e voltou a superar o Flamengo, desta vez em 12 pontos — no fim de 2005, a vantagem paulista era de nove.

Se no fim do ano passado o Flamengo viu aumentar em pontos sua desvantagem para o líder São Paulo, o clube carioca pelo menos consolidou-se na segunda colocação do ranking: o terceiro colocado Santos, que ganhou seis pontos em 2006 graças à conquista do Campeonato Paulista, mesmo assim viu crescer de seis para 12 pontos sua distância em relação aos cariocas. A exemplo dos três primeiros, o quarto colocado Palmeiras (que de novo nada ganhou) e o quinto Grêmio também não mudaram de posição, embora os gaúchos tenham se aproximado dos paulistas com a vitória no campeonato estadual. O Corinthians, sexto no ranking do ano passado e que passou em branco durante 2006, continua no mesmo lugar, mas conta agora com a companhia do Cruzeiro, o vencedor do último Campeonato Mineiro.

Mas o time que mais somou pontos no ranking durante o ano passado não está no G-8, o grupo dos oito primeiros colocados, que conta também com o Vasco da Gama. O "campeão" de 2006 foi o Internacional, único time que somou pontos em mais de um torneio. Vencedor da Copa Libertadores e do Mundial de Clubes, as duas competições mais valiosas segundo os critérios do Ranking Placar, o Colorado pulou de 205 para 250 pontos e ganhou uma posição, superando o agora décimo colocado Fluminense.

Embora tenha conquistado mais pontos que qualquer outro time do ranking, o Internacional não foi o clube que mais subiu na classificação entre os top 50. Esse posto cabe ao jovem Paraná Clube, que com a conquista de seu sétimo título estadual ganhou mais três pontos e saltou da 46ª para a 40ª colocação (ao lado do Avaí), ultrapassando assim nove times: Ferroviário-PR, Tuna Luso, Joinville, Rio Branco-AC, CRB, River-PI, Botafogo-PB, Portuguesa-SP e o extinto São Paulo Athletic.

Depois deles, vale ressaltar a entrada de sete novos clubes para o Ranking Placar: Adesg-AC, Coruripe-AL, Colo-Colo-BA, Coxim-MS, Baraúnas-RN, Pirambu-SE e Araguaína-TO ganharam pela primeira vez um campeonato na primeira divisão de seus estados. Com isso, estréiam na relação dos agora 342 clubes (extintos ou não) que escreveram pelo menos um capítulo, ainda que pequeno, na história dos títulos do futebol brasileiro.

5º Grêmio

O valor de cada **título**

Em 2006, o Internacional foi quem mais somou pontos: 20 pela Copa Libertadores e mais 25 pelo Mundial de Clubes da Fifa

Quem pontuou em 2006

8º Vasco

9º Internacional

10º Fluminense

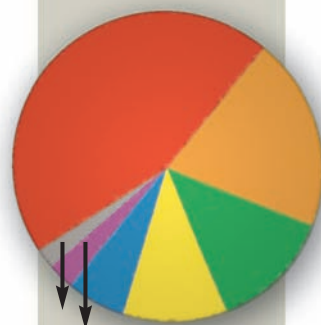
11º Atlético-MG

12º Bahia

Subidinha gaúcha

Pontos/estado*

Os 10 melhores*

Ranking/estado

13º Botafogo

14º Sport

15º Coritiba

16º Paysandu

26º Goiás

27º ABC

28º América-RJ

29º Nacional-AM

30º CSA

31º Rio Branco-ES

Sampaio Corrêa

33º América-RN

Criciúma

35º Sergipe

Vila Nova

Os outros **292 clubes** que já pontuaram

Adesg, Coruripe, Colo-Colo, Coxim, Baraúnas, Pirambu e Araguaína são os novatos na lista de campeões do Brasil

DEVOTO DE SÃO JANUÁRIO

Renato não gostava do Vasco, que não gostava de Renato, que era amigo de Romário, que tinha influência com o presidente, que bancou o nome e enfrentou a birra da torcida. Começou assim o romance entre um certo gaúcho e milhões de vascaínos. Um caso mais do que duradouro

A relação entre o Vasco e Renato Gaúcho daria um bom roteiro para qualquer filme nacional de verão. Os dois nunca se bicaram. Quando era jogador, o atacante vestiu a camisa de todos os grandes clubes cariocas, com exceção do time de São Januário. Nos clássicos dos anos 80 e 90, provocava a torcida. E vice-versa. Os dois lados jamais se engoliram. Renato Gaúcho parou de jogar. Ficou na praia. Virou técnico. Voltou para a praia. Até que... Um certo Baixinho brigou com um grandalhão. Romário, literalmente, ceifou a cabeça do técnico Dário Lourenço. E indicou o nome do substituto para Eurico Miranda. "Por que o senhor não contrata o Renato?" O presidente gostou da idéia. Os vascaínos, que nunca toleraram a marra do escolhido, resistiram enquanto puderam. Mas hoje, um ano e meio depois, o churrasco gaúcho já virou bacalhau. Com poucos espinhos.

Renato chegou de mansinho. O time era fraco, fazia uma campanha sofrível no Campeonato Brasileiro do ano passado e era motivo de desdém geral entre os torcedores. Na estréia, na Vila Belmiro, o Santos vencia por 2 x 0 e, numa reação incrível, o Vasco virou para 3 x 2. "Acabou a falta de respeito com o Vasco. A história agora é outra", disse à saída de campo, com peito estufado e cabeça erguida. Na semana seguinte, na Arena da Baixada, deu pane no time e o Atlético Paranaense impôs massacre histórico: 7 x 2. "Até uma mulher grávida faria gol na gente hoje", disse o treina-

dor. Renato Gaúcho era uma gangorra emocional em seus primeiros tempos de São Januário.

Mas jamais Renato Gaúcho deixou de ser quem é. Continuou um boleirão convicto. No banco de reservas, durante as partidas, esbraveja, xinga, chuta placa de publicidade, faz pressão no juiz, no assistente... Não pára. Fora de campo, também manteve o estereótipo do jogador de futebol tradicional. Não era surpresa observá-lo, nas entrevistas coletivas, com a barba por fazer e de óculos escuros espelhados. Como em seus tempos de atacante. Gosta de futebol. Aprendeu a curtir a carreira de treinador. Mas ainda segue com sua personalidade e gostos intactos. No Footecon, o congresso de futebol organizado por Carlos Alberto Parreira no ano passado, foi o único técnico do Rio a não aparecer. Na hora das palestras, foi visto jogando futevôlei na praia de Ipanema. Esse ano, de novo, não deu as caras. Ouvir seminários, debates e afins é algo muito parado para o frenesi de Renato Portaluppi Gaúcho. "Eu não tenho por que mudar. Tenho meu jeito, minha forma de viver e agir. E sempre deu certo assim", costuma dizer.

Renato Gaúcho no Vasco

Na verdade, mudou. Renato Gaúcho aprendeu a ser político. E se livrou de qualquer ranço corporativista com os ex-colegas de profissão. Ganhou prestígio e respeito após livrar o Vasco do rebaixamento no ano passado e, de quebra, classificá-lo para a Copa Sul-Americana. Fez com que Morais desabrochasse. Trabalhou com mão-de-obra barata e nunca pediu grandes reforços. Passou a defender o clube. Virou um diplomata vascaíno. E ganhou a fidelidade do presidente Eurico Miranda e do vice de futebol, José Luís Moreira, mais conhecido por Zé do Táxi. Em dezembro, quando o Vasco começou a perder alguns jogadores importantes, o treinador contemporizou. "Não dá para fazer loucuras e prejudicar o orçamento. Os atletas ganharam fama, se valorizaram, mas para ficar terão que se adequar ao orçamento do clube."

Às vezes, porém, Renato é contrariado e engole a seco a derrota. Também aconteceu em dezembro. Antes de entrar em férias — chegou a ser sondado pelo Cruzeiro —, o técnico deu a entender que não queria mais Ramon. Mas Eurico Miranda ignorou e renovou. Renato nem quis falar sobre o assunto. Tirou o pé. Mas, quando entra na dividida, raramente perde. No Campeonato Carioca, substituiu Romário num clássico contra o Fluminense. O Baixinho, claro, detestou a novidade. Sumiu do clube. Voltou dias depois. E Renato Gaúcho não o escalou. Ficaram estremecidos. E não houve volta. Romário foi para Miami. A saída de Edílson, após a eliminação da Copa do Brasil, também teve o dedo do técnico. Comprou outra briga de cachorro grande e continuou firme no cargo. "É ruim dele pipocar. Se não funciona, ele tira fora", diz um amigo de comissão técnica.

O fato é que Renato Gaúcho se casou com o Vasco, com a bênção de Eurico Miranda. E da torcida, que, após a resistência inicial, o reverencia. Resistiu até mesmo à derrota para o Flamengo na final da Copa do Brasil. Ninguém mais pede Antônio Lopes, por exemplo. Clube conservador, o Vasco se rendeu ao estilo do treinador, que quase classificou o time para a Libertadores e, após a "eliminação", para o Paraná, chorou ao vivo, pela televisão, para todo o Brasil. Sofreu com a derrota. Sentiu. Não esperava. E já tem gente pedindo que ele mude o nome para Renato Vascaíno. Quem diria... ✪

Era uma vez 2006

O **ano passou veloz** como Thierry Henry e você ficou arrumando o meião? Relaxe. Nas páginas seguintes, resumimos o que merece ser lembrado (e esquecido) no planeta Bola

O furacão Matthäus

▼ A era "Matthäus"

Jogos	8
Vitórias	6
Empates	2
Derrotas	0
Aproveitamento	83,3%
Gols marcados	23
Gols sofridos	8
Saldo	15

Aos 40 e a mil

Interminável, Romário foi buscar na "periferia" sua tão sonhada marca artilheira

Romário completou 40 anos no dia 29 de janeiro. "Sou realizado na profissão. Conquistei de 80% a 90% de tudo que almejei na carreira", disse. Artilheiro do Brasileirão de 2005, com 22 gols, o Baixinho dedicou a temporada de 2006 à busca do milésimo gol. Pela contabilidade romariana, no começo do ano, faltavam apenas 51 gols para atingir a desejada marca.

Em março, o atacante acertou sua transferência para o Miami FC, da United Soccer Leagues (USL), federação alternativa à mais famosa liga americana, a Major League Soccer (MLS). O estopim para a saída do Vasco foi a discussão com o técnico Renato Gaúcho, que acabou deixando-o de fora do clássico contra o Flamengo, no dia 19 de março.

Já em outubro, a apenas 16 gols de sua meta, Romário assinou contrato com o modesto Tupi, de Minas Gerais, que disputa a série C do Campeonato Brasileiro, mas acabou impedido de jogar por uma decisão judicial. A peregrinação em busca do milésimo gol continuou na Austrália. No fim de novembro, Romário estreou no Adelaide United, da primeira divisão australiana, onde disputou quatro jogos e fez um golzinho só. O esperado gol 1 000, porém, ficou para 2007.

★ E teve também

Ele acreditou...

Novo Maracanã

O Pé de Anjo entortou

Marcelinho retorna ao Corinthians, mas a história se repete como farsa

Cinco anos após sua saída do Corinthians, Marcelinho Carioca acertou seu retorno ao alvinegro. Foi uma cartada do presidente Alberto Dualib na disputa de poder contra a MSI — Dualib fez o acerto sem consultar a parceira. Um dos jogadores mais vencedores da história do Timão, Marcelinho deixou o clube de forma tumultuada, em 2001, após uma briga com Ricardinho. Por ironia do destino, na volta ao Parque São Jorge, os dois desafetos acabaram lado a lado novamente.

Desde que deixou o Timão, Marcelinho havia passado por Santos (2001), Gamba Osaka, do Japão (2002), Vasco (2003 e 2004), Al Nasr, da Arábia Saudita (2003), Ajaccio, da França (2004), e Brasiliense, rebaixado à série B em 2005. A nova passagem pelo Corinthians foi curta. Com poucas oportunidades de atuar, Marcelino acabou se envolvendo em nova polêmica, desta vez com o argentino Mascherano, que partiu para a briga, após uma entrada violenta do meia, por trás, em um treino no Parque São Jorge. Os dois deixaram o clube após a chegada de Leão, em agosto.

Colecionador de troféus

MARCELINHO NO CORINTHIANS

Verde devastado

E teve também

Quebra-queixo

Contra o racismo

A luta de Fabrício

Um craque em risco

Adriano, o Imperador da Inter, coleciona pisadas na bola e vira reserva

O ano que tinha tudo para se tornar o da consagração virou um período sombrio na vida do atacante Adriano, da Internazionale. Em março, o brasileiro desperdiçou um pênalti na vitória contra o Ajax, que garantiu a passagem do time às quartas-de-final da Liga dos Campeões. O Imperador, depois de 843 minutos sem marcar gols, havia desencantado na partida anterior, contra a Sampdoria, e voltava a ser a esperança na Liga. Mas o pênalti perdido seria o prenúncio de um ano marcado por insucessos em campo e confusões fora dele.

Em julho, uma noite após a eliminação da Copa do Mundo, diante da França, Adriano foi visto ao lado de Ronaldinho em uma boate em Barcelona. Em outubro, o Imperador ganhou liberação da Inter para passar um tempo no Brasil e "melhorar a cabeça", dias depois de um jornal sueco publicar as fotos de uma festa em sua casa, em Milão. No Brasil, o jogador se expôs a situações que abalariam ainda mais sua imagem. No Rio, de chinelos e sem usar capacete, foi filmado andando na garupa de uma motocicleta, após comprar cervejas e energéticos em um posto de gasolina. À noite, foi visto seguidamente em bailes funk.

Perdas e danos

Em agosto

Em setembro

No mesmo mês

Em novembro

★ E teve também

Craque solidário

O adeus de um mestre

Telê Santana deixou como legado a vitória do futebol-arte

O ex-técnico de futebol Telê Santana morreu no dia 21 de abril, aos 74 anos, no Hospital Felício Rocho, em Belo Horizonte (MG). Internado devido a uma infecção no abdômen no dia 25 de março, após passar mal em casa, Telê estava com a saúde bastante debilitada havia uma década, em função de um derrame cerebral sofrido em 1996. Técnico da seleção brasileira nas Copas de 1982 e 1986, Telê alcançou o topo do mundo no comando do São Paulo, ao conquistar o Mundial Interclubes em 1992 e 1993.

Nascido em 26 de julho de 1931, em Itabirito (MG), Telê iniciou a carreira como ponta-direita do Fluminense, nos anos 50. Além do tricolor carioca, ainda atuou por Guarani e Vasco. Magro e com muito fôlego, ficou conhecido como "Fio de Esperança". Estreou como técnico também no Fluminense, conquistando o Estadual de 1969. Em 1971, ganhou o primeiro Campeonato Brasileiro com o Atlético-MG. Antes de chegar à seleção, foi técnico do Grêmio e do Palmeiras. Mas seu grande momento aconteceu no São Paulo, onde conquistou um título brasileiro, dois estaduais, duas Copas Libertadores e dois Mundiais Interclubes, no começo dos anos 90.

Isso é Telê

Balaio Brasil

Campeões estaduais

E teve também

Lyon é penta

Sub-15 galáctico

Bota suja

 Penas dos envolvidos

Juventus

Lazio

Fiorentina

Milan

Federação Italiana

Belletti eterno

Esquecido por Parreira para a Copa do Mundo, lateral sai da reserva e faz o gol do título do Barcelona na Liga dos Campeões

Com um gol de Belletti, o Barcelona virou o jogo diante do Arsenal, no Stade de France, e conquistou o título da Liga dos Campeões. Mesmo com um homem a mais desde a expulsão do goleiro Jens Kehmann, ainda na etapa inicial, o Barça sofreu para chegar à área dos ingleses, que saíram na frente com um gol do zagueiro Campbell, aos 36 minutos. O gol de empate só aconteceu aos 31 minutos do segundo tempo, com Eto'o. Em um time cheio de estrelas, Belletti saiu do banco e virou herói do título, marcando aos 41. Mais de uma hora depois do apito final, o lateral voltou a campo com o estádio vazio. Sozinho, de chinelos, ajoelhou e ficou olhando para a trave onde havia marcado. "Pensei no meu filho, que um dia vai poder contar que o pai dele ajudou o Barcelona a conquistar a Liga dos Campeões", disse depois. O gol foi um alento ao lateral-direito, que poucos dias antes havia sido preterido por Carlos Alberto Parreira na convocação da seleção que disputaria a Copa da Alemanha — o técnico preferiu Cicinho para a reserva de Cafu.

Barba e cabelo

Duas semanas antes do triunfo na França, o Barcelona já havia conquistado o bicampeonato espanhol. A festa aconteceu durante o confronto com o Celta, em Vigo. Com a derrota consumada do Valencia diante do Mallorca, o Barça entrou em campo para o segundo tempo já com o título assegurado. Ao final, para dar ainda mais brilho à festa, o time de Ronaldinho Gaúcho e Deco bateu o Celta por 1 x 0, com o 25º gol na competição de Eto'o. Ronaldinho, que disputou 28 jogos pelo Espanhol, com 16 gols e 11 assistências, deixou o campo aplaudido aos 11 minutos do segundo tempo.

★ E teve também

Freguesia verde

Unidos pela draga

Corinthians e Palmeiras entram no recesso para a Copa na zona da degola

Corintianos e palmeirenses não conseguiram esquecer o Campeonato Brasileiro durante a Copa do Mundo. Após a rodada do Brasileirão em 4 de junho, a última antes do recesso para a disputa do Mundial na Alemanha, as duas equipes permaneceriam na zona de rebaixamento durante mais de um mês. Os resultados dos dois times às vésperas da Copa deixaram as torcidas em alerta: em casa, o Corinthians levou 2 x 0 do Flamengo. Já o Palmeiras, fora de casa, perdeu pelo mesmo placar para o Atlético-PR.

Na ponta de cima da tabela, Internacional e São Paulo, que ao final viriam a ser os dois primeiros colocados, ocupavam, pela ordem, a segunda e a terceira posições antes da Copa. O Campeonato Brasileiro foi retomado no dia 12 de julho, uma quarta-feira.

Classificação

O crepúsculo de Fiori

E teve também

Mineiro na Copa

Animal na geladeira

LERO-LERO

"Todos se empenharam, o trabalho foi intenso, mas infelizmente pegamos um grande time, com experiência. Não tenho arrependimentos. Ninguém estava preparado para voltar agora"

"O sentimento de favoritismo atrapalhou, pois acabou criando um clima de oba-oba em alguns momentos. Não tenho dúvida de que isso aconteceu"

"O Roberto *(Carlos)* realmente não poderia estar levantando o meião no momento em que o Zidane cobrava uma falta perigosa. Mas a culpa da derrota não foi só dele"

Faltou vontade

Seleção brasileira não justifica a badalação e decepciona o mundo na Alemanha

O que era para ser a consagração de uma seleção recheada de talentos, a afirmação de uma geração como a melhor e mais bem-sucedida da história do futebol brasileiro, terminou em um gol de Henry. O lance que decretou a derrota da seleção brasileira para a França nas quartas-de-final da Copa da Alemanha é emblemático. Bola cruzada por Zidane na segunda trave, e o homem que deveria acompanhar Henry arrumava a meia, estático. Era Roberto Carlos. Sempre avesso a reconhecer erros, ele diria depois, em uma entrevista reveladora veiculada pelo Sportv, que não tinha mais vontade de servir à seleção brasileira.

Pelo que se viu na Alemanha, o lateral não estava sozinho. Ronaldo e Adriano se apresentaram visivelmente acima do peso. Os treinos foram marcados pela presença maciça dos torcedores. Posteriormente, Emerson disse à Placar que isso prejudicou a equipe. "Tinha que ter mais concentração no trabalho, e não vi isso. Acho que faltou compromisso. Muitas seleções fizeram vários bons amistosos antes. O Brasil fez dois", afirmou, cutucando a comissão técnica. "Aqueles que foram campeões em 2002 já sabiam que seus nomes estavam na galeria do futebol brasileiro, independentemente do resultado nesta Copa", disse Juninho Pernambucano.

A seleção apresentou um futebol burocrático em quase todos os cinco jogos. Só jogou razoavelmente bem contra o Japão, quando já não valia mais nada, o adversário era frágil e entraram os reservas. Parreira, inerte, se negou a mudar o time. Ronaldinho, o melhor jogador do mundo, não foi nem sombra do que é no Barcelona. Cafu e Roberto Carlos, ao contrário de Dida, não se recuperaram da má fase que apresentavam em seus clubes, como previa a Placar de fevereiro. E o quadrado mágico formado por Kaká, Ronaldinho, Adriano e Ronaldo, como havia adiantado a Placar em sua capa de maio, não podia mesmo jogar junto...

Os recordes de Ronaldo e Cafu

Cabeça dura, miolo mole

Craque francês pisa na bola em sua despedida, perde a compostura e o título

Zinedine Zidane foi o nome do jogo contra o Brasil, nas quartas-de-final. E também da Copa 2006. Diante dos brasileiros, o craque driblou, lançou, cadenciou o jogo e, para arrematar, aplicou um chapéu desconcertante no amigo Ronaldo, companheiro de Real Madrid. Zidane parece se divertir em humilhar o Brasil. Foi assim em 1998, quando marcou dois gols na decisão da Copa. E assim foi em 2006. Mais um show, inesquecível para os franceses, doloroso para os brasileiros.

A final era sua despedida anunciada do futebol. Era para ser de gala, e assim começou. Contra os italianos, Zidane abriu o placar de pênalti — uma cavadinha contra Buffon, o melhor goleiro do mundo. Ela tocou no travessão e entrou. Mas, no segundo tempo da prorrogação, o francês deu uma cabeçada em Materazzi e foi expulso. O italiano teria atentado contra a honra de sua família, e Zidane caiu como um novato. Mas o fato não foi suficiente para que perdesse o título de craque do Mundial. Os fãs de futebol, mesmo reprovando sua atitude, terão sempre na lembrança as grandes jogadas de um dos maiores craques de todos os tempos.

CABEÇADAS

"Fui insultado com palavras muito duras. Prefiro levar um soco na cara a ouvir as palavras proferidas por esse jogador"

"Eu agarrei seu uniforme, ele virou para mim, me olhou com tremenda arrogância, de cima a baixo, e disse: 'Se você quer minha camisa, te darei depois'. Respondi com um insulto, é verdade"

"Também não disse nada sobre a mãe dele"

"Apóio meu filho por defender a honra da família. Algumas coisas são mais importantes que o futebol. Se o Materazzi disse mesmo aquilo, quero seus testículos no prato"

"Ele *(Zidane)* agia assim quando estava na Juventus"

"Sei que você viveu o momento mais intenso e mais duro da sua carreira, mas quero dizer que, apesar disso, você tem a admiração e a afeição de toda a nação, assim como meu respeito"

Para desgosto da rainha

Mago holandês

Orgulho de ser alemão

O técnico da Alemanha, Jürgen Klinsmann, chegou ao Mundial bastante contestado, especialmente por causa dos resultados obtidos no período anterior. A pressão chegou ao ápice após a goleada de 4 x 1 para a Itália, em amistoso no começo de março. Klinsmann foi atacado por todos os lados e chegou a ter sua saída do comando do time cogitada. Além dos maus resultados, o treinador ainda foi criticado por morar nos Estados Unidos e não comparecer a um encontro de técnicos que iriam ao Mundial.

Mas bastou a Alemanha entrar em campo para a situação se reverter. O começo promissor, com a goleada de 4 x 2 sobre a Costa Rica, na estréia, e a vitória de 1 x 0 sobre a Polônia, reacendeu o orgulho alemão. Nas ruas, os alemães com suas bandeiras exibiam o otimismo que tomava conta de todo o país, depositando na dupla Podolski e Schweinsteiger a esperança do quarto título mundial. Nesse embalo, o time deixou para trás a Suécia, nas oitavas, e a Argentina (nos pênaltis), nas quartas, seguindo firme até a semifinal, onde encontrou a Itália, sua algoz meses antes do Mundial. Em um contexto diferente — agora na prorrogação e valendo vaga na final —, a Azzurra voltou a levar a melhor. Mas os pupilos de Klinsmann já haviam honrado a camisa tricampeã mundial. No jogo de despedida, a vitória de 3 x 1 sobre Portugal carimbou de vez a aprovação dos alemães à trajetória da equipe, que ficou em terceiro lugar. A paz estava selada.

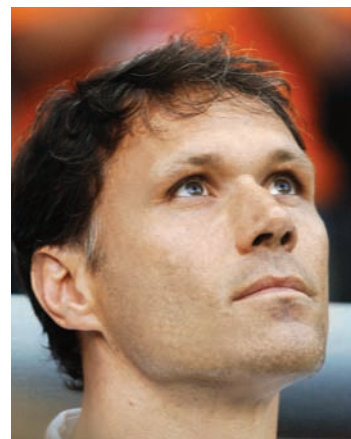
Capitão da reserva

Logo após a vitória sobre Portugal, o goleiro Oliver Kahn, 37 anos — escolhido o melhor jogador da Copa de 2002 —, anunciou que não iria mais defender a seleção de seu país. Titular da Alemanha em 86 jogos, Kahn foi o capitão da equipe em 2002, mas perdeu a posição de titular para Jens Lehmann em 2006. Sua única participação no Mundial foi justamente no último jogo, contra os portugueses.

> “Esta foi minha última partida pela seleção. Foi uma época bonita, mas você tem que saber quando acaba”

Joga bonito, Argentina!

Apesar do papelão após a eliminação contra a Alemanha, nas quartas — quando os jogadores partiram para a briga depois da eliminação nos pênaltis —, a seleção da Argentina produziu alguns dos momentos mais bonitos da Copa. Contra a Sérvia, o massacre de 6 x 0 teve um gol antológico: após uma longa e veloz troca de passes, Crespo devolveu de calcanhar a Cambiasso, que chutou forte, estufando as redes.

Já contra o México, na prorrogação, o volante Maxi Rodríguez recebeu um lançamento de Sorín, dominou com o peito e bateu de canhota, sem deixar a bola cair, acertando o ângulo do goleiro Sánchez. Além dos aplausos de todos os fãs do futebol, o golaço — o terceiro do volante, que atua no Atlético de Madri — garantiu a presença argentina nas quartas, diante dos alemães.

"Foi um instante. Depois que matei a bola no peito é que tive a idéia de chutar"

Laranja podre

O pau comeu

Debaixo do Equador

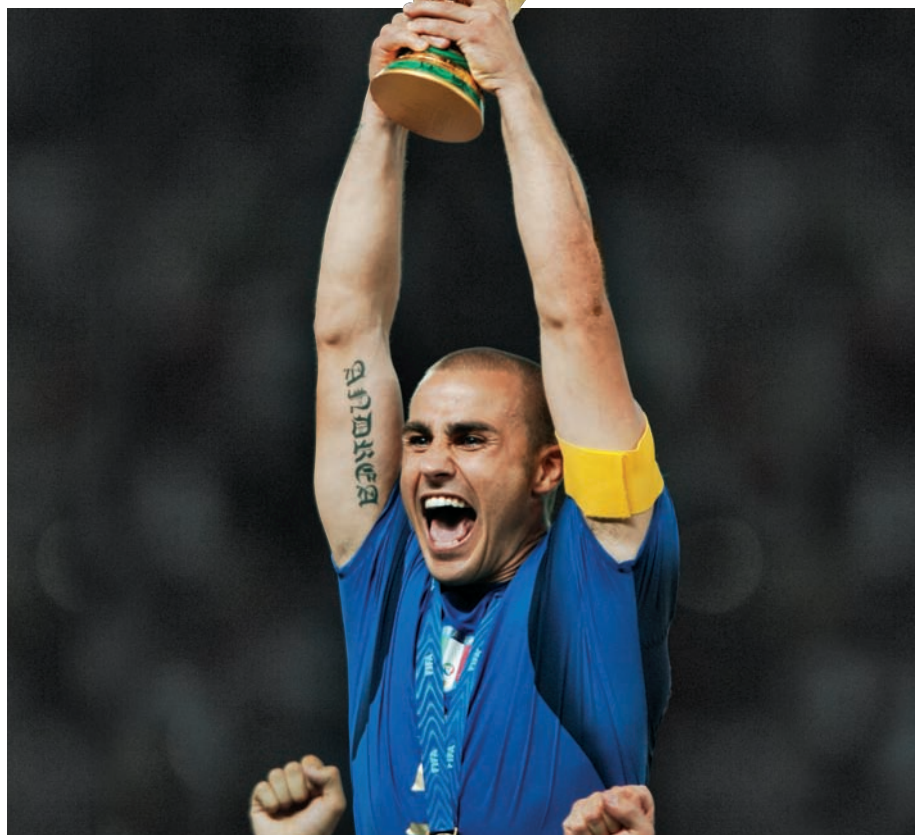
A África tem Gana

A pátria de bigodes

Quarenta anos depois, Portugal conseguiu repetir a façanha de 1966, chegando à semifinal da Copa do Mundo. Mesmo que o bigode pudesse induzir alguém a acreditar na nacionalidade lusitana, o sotaque do comandante nas coletivas após os jogos logo desfazia o mal-entendido. À testa do time estava o obstinado Luiz Felipe Scolari, multicampeão por Grêmio e Palmeiras, campeão mundial pelo Brasil em 2002, um gaúcho obcecado pela vitória. Empurrado por Felipão e sua energia incontida à beira do campo, Portugal foi superando obstáculos até chegar, invicto, à semifinal.

Com Figo reencontrando seu melhor futebol, Maniche surgindo como um dos destaques da competição e Cristiano Ronaldo enlouquecendo os marcadores pelas pontas, a seleção de Portugal venceu o Irã (2 x 0), o México (2 x 1) e Angola (1 x 0) na primeira fase, deixou para trás a Holanda nas oitavas (1 x 0, num dos jogos mais violentos da Copa, 12 cartões amarelos e quatro vermelhos) e eliminou a Inglaterra, nos pênaltis, nas quartas.

Com o Brasil fora da Copa, 180 milhões de brasileiros passaram a torcer pela esquadra portuguesa, que acabaria fora, perdendo para a França, por 1 x 0, gol de pênalti de Zidane, nas semifinais. Apesar da eliminação — e da goleada para os alemães na disputa do terceiro lugar —, o time de Felipão foi recebido com festa em Portugal.

> **“Minha pátria neste momento é Portugal. Eu vivo lá, sou tratado de forma espetacular nas ruas, minha família está lá, com segurança. Sou mais português que brasileiro”**

Quatro vezes Azzurra

Depois de 24 anos, a Itália voltou a ser a melhor do mundo. Comandada pelo zagueiro Cannavaro, a Azzurra jogou ofensivamente, sem abrir mão de sua tradicional consistência defensiva. O título veio nos pênaltis, na final contra a França. Uma das razões que levaram o time à superação foi o escândalo de manipulação de resultados na Liga Italiana. Com a denúncia, a Azzurra, até então aspirante ao título mais pela tradição da camisa que propriamente por suas virtudes técnicas, se esmerou para mostrar ao mundo a força do futebol italiano.

Como se não bastasse, a provocação feita pela revista alemã *Der Spiegel*, chamando os italianos de "parasitas" que passavam o tempo cultuando corpos e cabelos, ouriçou ainda mais a equipe de Marcelo Lippi. Ao mesmo tempo em que criticava o estilo de jogo italiano, rotulando-o de "defensivo e oportunista", a publicação referia-se ao pênalti inexistente marcado em favor da Itália, nas oitavas-de-final, contra a Austrália. Na semifinal, os italianos responderam com uma vitória de 2 x 0 (na prorrogação) sobre os donos da casa.

O time-base italiano

"O Mundial é dedicado à minha família e aos meus jogadores fantásticos, que tiveram grande coração e determinação. Já conquistei muitos títulos nacionais e europeus, incluindo uma Liga dos Campeões, mas nada se compara à alegria de um Mundial. Não há alegria igual. Antes de o Grosso marcar o pênalti, pensei na minha família, que está sempre comigo, quer nos bons, quer nos maus momentos"

Flamengo campeão

A era Dunga voltou

Após fiasco na Copa, capitão do tetra substitui Carlos Alberto Parreira com a missão de "resgatar o espírito de seleção"

Menos de 20 dias após a eliminação brasileira na Copa do Mundo, o técnico Carlos Alberto Parreira anunciou sua saída do comando da seleção. Criticado duramente após a derrota para os franceses, o treinador alegou necessidade de se dedicar à família e descansar, depois de três anos na função. A desculpa não colou: poucos dias depois, Parreira foi contratado como técnico da seleção da África do Sul, por um salário mensal de 253 000 dólares (cerca de 550 000 reais).

O cargo, porém, não ficou vago por muito tempo. Menos de uma semana depois, a Confederação Brasileira de Futebol divulgou o acerto com o ex-jogador Dunga, capitão brasileiro na conquista da Copa dos Estados Unidos, em 1994. Foi uma medida de forte apelo populista, pois a principal crítica à seleção de Parreira batia na falta de vontade por parte dos jogadores e de comando por parte do treinador. Dunga traz consigo a imagem de raça e cobrança dentro de campo, suas marcas na época de jogador.

Aos 42 anos, Dunga tem na seleção sua primeira experiência como treinador. O ex-volante promoveu uma renovação, convocando jovens revelações, visando à preparação da seleção olímpica. Além de jogadores que andavam afastados da seleção, como Diego, do Werder Bremen, Dunga deu oportunidades a vários novatos, alguns com passagens pelas categorias de base. Se o futebol da equipe não chegou perto do que se esperava pela qualidade dos craques, pelo menos a seleção esbanjou vontade.

As caras novas

E teve também

Cala-te, Fiel

Galinho na Turquia

Enfim, Internacional

Colorado conquista a Libertadores pela primeira vez

Depois de dois duelos eletrizantes com o São Paulo, então campeão sul-americano e mundial, o Internacional conquistou seu primeiro título da Libertadores da América. No primeiro jogo, no Morumbi, Rafael Sóbis colocou o Inter em vantagem, com dois gols no começo do segundo tempo. O São Paulo conseguiu descontar, com Edcarlos, mas saiu em desvantagem para o jogo de volta, no Beira-Rio.

Na capital gaúcha, a partida foi ainda mais equilibrada. Fernandão abriu o placar, ainda no primeiro tempo, após falha de Rogério Ceni. O São Paulo empatou com Fabão, no começo da etapa final. Tinga colocou o Inter novamente em vantagem, mas acabou expulso na comemoração. A partir de então, o São Paulo pressionou o tempo todo, em busca de uma vitória que levaria a disputa à prorrogação. Lenilson igualou o placar, mas o Inter segurou o empate e ergueu pela primeira vez a Copa Libertadores.

A campanha

Os recordes de Rogério

E teve também

Sávio de volta

Leão-de-chácara

Melhor que Eto'o

Os Obina "facts"

ALGUMAS DAS BRINCADEIRAS DA TORCIDA COM O ÍDOLO:

-
-
-
-
-
-

O primeiro chocolate

Primeira vitória da seleção sob o comando de Dunga é um 3 x 0 na Argentina

A primeira vitória de Dunga como treinador da seleção brasileira não poderia ter sido melhor: contra a Argentina, e de goleada. Sem Ronaldinho, o Brasil aplicou dolorosos 3 x 0 nos *hermanos* (dois gols de Elano e um golaço de Kaká), em amistoso disputado na capital inglesa.
Outro destaque da partida foi Robinho. Logo aos 2 minutos, o atacante do Real Madrid fintou Clemente Rodríguez e deixou Elano livre para marcar. No segundo tempo, Kaká escapou pelo meio, tabelou com Fred e entregou a Elano, que entrou sozinho na área e chutou. Pouco antes do final, Kaká arrancou do campo brasileiro, fugiu dos marcadores e mandou para as redes. Com Dunga, o Brasil conquistou 88,9% dos pontos.

Os resultados da seleção pós-Copa do Mundo

DATA	ESTÁDIO	LOCAL	JOGO
			Brasil 2 x 1 Suíça
			Brasil 2 x 1 Equador
			Brasil 4 x 0 Kuwait
			Brasil 2 x 0 País de Gales
			Brasil 3 x 0 Argentina
			Brasil 1 x 1 Noruega

E teve também

Em nome da mãe

Gandula artilheiro

Por que foi, então?

Depois da Copa, Roberto Carlos admite que não tinha mais vontade de jogar pela seleção...

Em entrevista exibida pelo canal Sportv, o lateral-esquerdo Roberto Carlos afirmou que decidiu se aposentar da seleção brasileira em função das críticas recebidas da imprensa. O atleta foi um dos jogadores mais criticados após a eliminação do Brasil na Copa do Mundo. Na cobrança de falta que originou o gol de Henry, nas quartas-de-final contra a França, que eliminou o Brasil do torneio, Roberto Carlos permaneceu parado, na entrada da área, em vez de acompanhar o francês, que entrou livre na área e mandou para as redes. Campeão mundial como titular da equipe em 2002, o jogador do Real Madrid admitiu que já não vinha tendo mais motivação para atuar com a camisa verde-amarela, que vestiu durante 16 anos. Sem medir palavras, Roberto Carlos afirmou que neste momento de sua vida atuar pela seleção não acrescentaria muito em sua carreira.

Pérolas de um ex-lateral

- *"São muitas viagens e partidas, o que não contribui em nada para a minha vida."*
- *"Fui perdendo a vontade de jogar. Mesmo se tivéssemos conquistado o hexa, as críticas seriam as mesmas."*
- *"Não agüento ouvir três ou quatro pessoas, que nunca jogaram ou analisaram os treinos da seleção brasileira, fazerem comentários sobre a gente."*
- *"Minha decisão de abandonar a seleção já estava tomada, ganhando ou perdendo a Copa do Mundo."*

A revanche argentina

E teve também

A morte da princesa

30 anos do Pibe

Campinas, cidade-fantasma

Um legítimo campeão

Melhor em tudo, São Paulo conquista seu quarto título brasileiro

Com duas rodadas de antecipação, o São Paulo abriu oito pontos de vantagem em relação ao Internacional, vice-líder, e garantiu o seu quarto título brasileiro. Apesar do inesperado empate em casa contra o Atlético-PR, por 1 x 1, a torcida tricolor fez a festa antecipadamente graças à derrota do Internacional para o Paraná, em Curitiba, por 1 x 0.

O São Paulo, que não vencia o Brasileirão desde 1991, quando chegou ao título sob o comando de Telê Santana, igualou os rivais Corinthians e Palmeiras em número de conquistas do Nacional.

Após a perda da Libertadores, o título brasileiro virou questão de honra para o São Paulo. Com 74 pontos (contra 66 do Inter) na 36ª rodada, o Tricolor igualou o feito do Cruzeiro, que em 2003 chegou ao título sem precisar somar pontos nas duas últimas partidas. O São Paulo terminou o campeonato com nove pontos de vantagem sobre o Inter e com o melhor ataque e a melhor defesa.

Classificação final

▲ Classificados para a Libertadores
▼ Rebaixados para a série B

★ E teve também

Galo de primeira

Gato de primeira

A Terra é vermelha

Internacional derrota o Barcelona e conquista seu primeiro título mundial

Com um gol de Adriano Gabiru, aos 36 minutos do segundo tempo, o Internacional conquistou o Mundial de Clubes da Fifa ao bater o Barcelona por 1 x 0, na decisão em Yokohama, no Japão. O Colorado igualou-se ao rival Grêmio nos dois títulos internacionais mais importantes (ambos têm também uma Libertadores). Na semifinal, o clube gaúcho havia vencido o Al Ahli, do Egito, por 2 x 1, gols de Alexandre Pato e Luiz Adriano.

O primeiro tempo da decisão foi todo do Barcelona, com boa atuação de Ronaldinho e Deco. Mas a defesa do Internacional conseguiu suportar a pressão e o gol não saiu. No segundo tempo, o camisa 10 do clube espanhol e da seleção brasileira voltou apático, e o Colorado equilibrou as ações. A estrela do meia Iarley começou a aparecer. Em um contra-ataque, o camisa 10 deu um corte em Puyol e serviu Adriano Gabiru. Até então odiado pela torcida, Adriano dominou e bateu forte na saída do goleiro Valdés.

Depois do gol, Iarley tratou de segurar o jogo com habilidade e experiência — ele já havia conquistado o Campeonato Mundial de Clubes em 2003, pelo Boca Juniors. Ao fim do jogo, a Fifa escolheu como melhor jogador do torneio o meia Deco, do Barça, seguido por Iarley e Ronaldinho. “Vou tomar muito chimarrão e comer baião-de-dois”, disse o cearense Iarley ao final do jogo.

Garoto dourado

E teve também

Come-quieto

37ª Bola de Prata

JOGADOR	POSIÇÃO	TIME	MÉDIA	JOGOS
R. Ceni	goleiro	S. Paulo	6,05	29
Ilsinho	lat.-direito	S. Paulo	5,92	24
Fabão	zagueiro	S. Paulo	5,88	28
Índio	zagueiro	Inter-RS	5,88	29
Kléber	lat.-esq.	Santos	5,84	34
Lucas	volante	Grêmio	6,16	32
Mineiro	volante	S. Paulo	6,06	27
Zé Roberto	meia	Botafogo	5,92	30
Wágner	meia	Cruzeiro	5,92	30
Fernandão	atacante	Inter-RS	6,10	21
Aloísio	atacante	S. Paulo	6,06	18

ARTILHEIRO	TIME	GOLS	JOGOS
Souza	Goiás	17	29

Sim, isso é verdade. Mas às vezes, também por causa disso, um jogador ou outro pode perder o ritmo e desanimar. Acaba não dando seu máximo dentro de campo, entende? Pela falta de seqüência de jogos. Por esse lado, pode atrapalhar.

Eu já acho normal, me acostumei. Mas é lógico que, quanto mais eu jogo, melhor eu fico.

Só falam do Ronaldinho, mas a temporada também só está começando, né? Eles falam que ele tem que jogar como joga no Barcelona. Nada mais do que isso.

Ah, ninguém fala nada porque ele estava machucado...

Não, não me incomodo... É que já passou, né? Vários jogadores sofreram muito depois da Copa, foram acusados disso, daquilo... É complicado, mas comigo não incomoda. Era pra ter sido bom, né? Mas Copa é assim mesmo: é o céu ou o inferno, ainda mais para jogador brasileiro.

Olha, ajuda. Mas já vi muito time ganhar título com jogadores se odiando. O que acontece é que na hora da partida um tem que dar o sangue pelo outro. O cara não te suporta, mas passa a bola, cria boas jogadas com você. Mas isso não acontecia na seleção não... Não éramos desunidos. Não foi por isso que não ganhamos. E seremos sempre lembrados por isso. Vamos ficar marcados pelo fracasso.

Estou aqui há quase dois anos. Falo normalmente. Mamado, então, falo tudo! *[risos]* Aprendi sozinho, na raça. Mas também não é difícil, é quase igual ao português.

Eu não. Mas acontecia sempre com o Vandeco *[Vanderlei Luxemburgo]*, né? Ele queria falar em espanhol e o pessoal pegava muito no pé dele.

É diferente. É claro que se você perder será cobrado. Mas, no Brasil, quando você perde um jogo, neguinho quer virar o seu carro, aí é f... *[risos]*

Depende. Pode ser bom, mas é ruim também. Pensa: se eu arrebento em um torneio não tenho como pedir aumento! E aí tem multa e fica caro para alguém te tirar daqui.

Sem chance! Depois que você se acostuma aqui é difícil sair! Estou no melhor futebol do mundo, no mais organizado, em uma cidade maravilhosa. Não pode pensar só na grana, não é?

Eu não tomei bomba, não! Só estou ficando mais fortinho! Tomar bomba é complicado porque depois as coisas não vão funcionar! *[risos]* Isso aí é muita musculação mesmo! Aqui isso é levado muito a sério e conjugado com uma boa alimentação. Eu acho que o problema no Brasil é que os jogadores vão muito para a noite! *[risos]* Aí fica difícil, né?

É difícil mesmo. Eu aqui fico em casa. Dificilmente saio.

Eu vi, e o São Paulo mereceu ser campeão. Mas, cá entre nós: eu não gosto muito dessa fórmula de pontos corridos. Acho muito sem emoção, bom mesmo é final! Sobre os espanhóis, eles não acompanham muito. Costumam dizer que os craques do Brasil já estão fora. ✪

“Eu não tomei bomba, não! Só estou ficando mais fortinho! Tomar bomba é complicado porque depois as coisas não vão funcionar...”
adidas
LFP

Em termos de futebol, não tenho muito o que dizer ao Ronaldinho. É nosso melhor jogador e quando está bem pode fazer a diferença. É fácil trabalhar com ele, porque se trata de um grande jogador e de muito caráter. Ele se relaciona bem com todos, é um prazer contar com ele no grupo.

Vi os jogos do Ronaldinho na seleção e o vi bem. Quando o time não vai bem, não se pode culpar um jogador só porque é dele que se espera mais. O conjunto não funcionou e por isso ele não se destacou. O modo de jogo do Brasil não funcionou.

Deco é um ganhador puro-sangue. Um jogador inteligente e lutador. Sua forma de jogar intimida o adversário, pois ele tem muita coragem e faz a diferença. Deco costuma funcionar como o barômetro do time e é o mais importante para o funcionamento da equipe. Se ele está bem, nota-se no time.

Não concordo com essa premiação. Eu acho impossível, por exemplo, comparar um goleiro com um atacante ou um meio-campista. Seria mais correto eleger um jogador para cada posição. Para mim esse prêmio não tem grande importância.

Eu evito comparar jogadores de equipes e épocas distintas. Isso é fantasia e não faz sentido. O que nós fizemos no Milan, apesar de não fazer tanto tempo, foi em outra época. Não conseguiria comparar.

Existem muitos atletas que fumam. Isso não é bom para esportistas nem para ninguém, mas é como eu sou. Muitas pessoas podem me desqualificar por isso, mas é meu jeito. Tenho um estilo, mas não acho que seja tão diferente do de outros técnicos de futebol.

Isso ocorreu, mas há muitos anos. Agora acredito que, com as pessoas que estão lá, não há mais problemas.

A Holanda é um país muito pequeno. Outros países, como França, Espanha e Alemanha, têm bem mais opções de escolha. O Brasil ainda mais. Mesmo assim, clubes holandeses ganharam a Copa dos Campeões e outras copas. O Ajax e o Feyenoord, por exemplo, têm conquistas que grandes equipes aqui da Espanha e de outras potências não possuem. Além disso, a seleção ganhou uma Eurocopa. No geral, a Holanda vai bem. Não acho que a realidade do futebol holandês seja tão ruim em relação a conquistas.

Rinus foi uma das pessoas que mais difundiram o futebol na Holanda. Mas na mesma época havia Ernst Happel, austríaco que comandou o Feyenoord na vitória da Copa dos Campeões de 1970. Os dois colocaram o futebol holandês no mapa.

Sou uma pessoa tranqüila, mas o futebol também é emoção. Aquilo ocorreu quando eu estava com a cabeça quente. Eu errei e aquele não é o meu normal. Quando acontece isso, tem que se arcar com as conseqüências, e foi o que eu fiz. Tive a chance de falar com o Völler depois e esclarecemos tudo. Após o Mundial, jogamos muitas partidas, eu pelo Milan e ele pela Roma. Não existem problemas, foi só aquele momento.

Existe esse acordo, mas para mim não significa muito. Tenho só o que agradecer ao Barça. Quando chegar o momento de sair, falarei com a direção, mas hoje não existe essa intenção. Quanto ao Milan, foi um clube onde estive bem, mas não há nada de concreto para eu treiná-lo no futuro. ✪

“Não concordo com essa premiação da Fifa. Acho impossível comparar um goleiro com um atacante. Para mim esse prêmio não tem grande importância”

DESTAQUES DA RODADA

DESTAQUES DA RODADA

meutimedossonhos

★ Goleiro

★ Lateral-direito

★ Zagueiros

★ Lateral-esquerdo

★ Volantes

★ Meia

★ Atacantes

★ Técnico

"Não tem muito o que falar sobre esse time. Olhe a escalação e ela diz tudo: são os melhores do mundo! Imbatível!"

PAULO AUTUORI